

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**TARCÍSIO HENRIQUE DA CUNHA ALTOMARE**

**COMENTÁRIO ESPORTIVO:  
HÁ ESPAÇO PARA JORNALISTAS E EX- ATLETAS?**

**Juiz de Fora**

**Julho de 2018**

**TARCÍSIO HENRIQUE DA CUNHA ALTOMARE**

**COMENTÁRIO ESPORTIVO:  
HÁ ESPAÇO PARA JORNALISTAS E EX- ATLETAS?**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

**Juiz de Fora  
Julho de 2018**

TARCÍSIO HENRIQUE DA CUNHA ALTOMARE

COMENTÁRIO ESPORTIVO:  
HÁ ESPAÇO PARA JORNALISTAS E EX- ATLETAS?

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira  
(FACOM/UFJF)

Aprovada pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF) – Orientador

---

Prof. Wendell Guiducci de Oliveira (FACOM/UFJF)

---

Prof<sup>a</sup>. Christiane Bara Paschoalino (FACOM/UFJF)

Conceito obtido: \_\_\_\_\_

Juiz de Fora, 2 de Julho de 2018

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Tarcísio e Bernadete, pela cobrança constante e a compreensão nos insucessos. Ao meu irmão João Marcos, pela amizade, as brigas e as risadas como companheiro de apartamento durante os anos de graduação.

Ao meu orientador Márcio Guerra, pela disponibilidade e compromisso no desenvolvimento deste trabalho e pelo papel determinante na formação de tantos profissionais através da Rádio Facom.

Agradeço também aos demais familiares, das famílias Cunha e Altomare, pelo incentivo e carinho com que sempre me acolheram. Aos meus amigos de Liberdade - MG pela irmandade, a disposição em ouvir os desabafos e as inúmeras boas recordações da adolescência e dos primeiros anos em Juiz de Fora.

Também agradeço aos queridos colegas da “Central dos Esportes”, por tornarem minha passagem pela faculdade bem mais fácil e divertida, com as demonstrações de amizade, o compartilhamento da paixão pelo esporte e pelo rádio e a ajuda neste e em outros trabalhos.

À Gabriela Rezende, minha namorada, companheira de todas as horas e que contribuiu muito para que eu conseguisse concluir este trabalho, um agradecimento especial e o compromisso de sempre retribuir seu amor e atenção.

Por fim, dedico este trabalho ao meu avô, Guido Barbosa da Cunha, um apaixonado pelo esporte como eu, que com certeza está zelando por mim lá de cima.

## **RESUMO**

O comentário esportivo faz parte das transmissões de jogos e provas desde a popularização do futebol no rádio em meados do século XX. Inicialmente vindo de uma necessidade de descanso para a voz do narrador, o comentarista rapidamente se tornou uma grande atração dos intervalos de eventos esportivos e mais tarde também passou a ser utilizado no decorrer destes. No Brasil, desde anos 1980, os ex-atletas tiveram um crescimento considerável no mercado de comentaristas, disputando espaço na televisão e no rádio com os jornalistas esportivos. Neste trabalho é feito um paralelo entre as duas classes no ambiente das transmissões de esporte brasileiras através da história e também na avaliação do público.

Palavras-chave: Esportes. Televisão. Jornalismo. Comentário. Futebol.

## **ABSTRACT**

Sport commentary has been part of the broadcasts of games and athletics events since the popularization of football on the radio in the mid-twentieth century. Initially coming from a need to rest for the voice of the announcer, the commentator quickly became a major attraction of the ranges of sporting events and later also came to be used in the course of these. In Brazil, since the 1980s, former athletes have grown considerably in the market of commentators, disputing space on television and radio with sports journalists. In this work a parallel is made between the two classes in the environment of Brazilian sports broadcasts throughout history and also in the evaluation of the public.

Keywords: Sports. TV. Journalism. Comment. Soccer.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. OPINIÃO E COMENTÁRIO.....</b>	<b>10</b>
2.1. A OPINIÃO.....	10
<b>2.1.1 A opinião no jornalismo.....</b>	<b>12</b>
2.2 O COMENTÁRIO.....	14
<b>2.2.1 O comentário no jornalismo.....</b>	<b>14</b>
<b>3. O COMENTÁRIO ESPORTIVO.....</b>	<b>16</b>
3.1 SURGIMENTO E DELIMITAÇÃO DA FUNÇÃO DE COMENTARISTA.....	16
3.2 PAIXÃO, PALPITE E DRAMATIZAÇÃO: OS QUESTIONAMENTOS ACERCA DO COMENTARISTA ESPORTIVO.....	18
3.3 MAIS OBJETIVIDADE, MUITAS ESTATÍSTICAS E O "TATIKUÊS".....	21
<b>4 - EX-ATLETAS COMO COMENTARISTAS ESPORTIVOS.....</b>	<b>24</b>
4.1 OS PRIMÓRDIOS E O PRIMERO GRANDE NOME: LEÔNIDAS DA SILVA.....	24
4.2 OS EX-ATLETAS CONQUISTANDO ESPAÇO NAS GRANDES COBERTURAS DAS COPAS DO MUNDO.....	25
<b>4.2.1 1970 e 1974: ex-atletas são exceções entre comentaristas nas primeiras copas transmitidas ao vivo para o Brasil.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2.2 1978: Ex-atletas ganham espaço no comentário esportivo como convidados especiais.....</b>	<b>27</b>
<b>4.2.3 1982: exclusividade da Globo na transmissão da Copa e ex-atletas relegados à participações em programas de debate.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2.4 1986: disputa por audiência volta forte e ex-atletas são usados como trunfo junto ao público.....</b>	<b>30</b>
<b>4.2.5 1990: cada emissora anuncia seu “craque” dos comentários e ex-atletas atingem protagonismo nas transmissões.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2.6 1994: jornalistas ficam em segundo plano novamente no ano do tetra.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2.7 1998: Globo monta time de “craques” do campo nos comentários e demais emissoras voltam a mesclar jornalistas e ex-atletas.....</b>	<b>38</b>
<b>4.2.8 2002 e 2006: exclusividade da Globo na televisão aberta e maioria de comentaristas jornalistas nos canais fechados.....</b>	<b>40</b>

<b>4.2.9 2010: Globo e Bandeirantes apostam nos ex-atletas, enquanto canais fechados preferem jornalistas comentando.....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.10 2014: ex-atletas conquistam mais espaço nos canais por assinatura, enquanto na televisão aberta não há espaço para jornalistas comentando jogos.....</b>	<b>43</b>
<b>4.3 A IMPORTÂNCIA DE LUCIANO DO VALLE NA POPULARIZAÇÃO DO EX-ATLETA COMO COMENTARISTA ESPORTIVO.....</b>	<b>47</b>
<b>5. ESTUDO DE CASO: EX-ATLETAS E JORNALISTAS COMO COMENTARISTAS DE FUTEBOL NA TELEVISÃO BRASILEIRA.....</b>	<b>51</b>
<b>6 . CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>60</b>
<b>7. ANEXO.....</b>	<b>63</b>
7.1 ANEXO A: PESQUISA DE OPINIÃO COM ESPECTADORES.....	63
7.2 ANEXO B: PERGUNTAS PARA OS COMENTARISTAS.....	65
<b>8. APÊNDICES.....</b>	<b>67</b>
8.1 APÊNDICE 1: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM RAFAEL MARQUES - COMENTARISTA E REPÓRTER DAS RÁDIOS GLOBO E CBN.....	67
8.2 APÊNDICE 2: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA HENRIQUE FERNANDES, COMENTARISTA DO GRUPO GLOBO.....	70
8.3 APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM MAURÍCIO MENEZES, EX-NARRADOR E COMENTARISTA DA RÁDIO GLOBO DO RIO DE JANEIRO.....	73

## 1. INTRODUÇÃO

O comentário esportivo é um gênero que vem crescendo no Brasil, principalmente na televisão. Claro que o país sempre teve um gosto especial por aqueles que opinam sobre esportes, com destaque para quem trata da modalidade mais amada pela população: o futebol. Se ele é tratado por grande parte do povo brasileiro como paixão, opinar sobre isso é mexer com uma relação íntima.

Mas os profissionais responsáveis por comentar os jogos de futebol também possuem relações íntimas com a modalidade. Alguns estiveram dentro de campo, defendendo as cores de um time ou até seleção, jogando profissionalmente e alimentando a paixão da massa de aficionados. Outros, não nasceram com tanto talento com a bola nos pés, optaram por seguir o caminho do jornalismo e acabaram entrando para uma editoria especial dentro de alguma emissora de televisão, rádio, site na internet ou veículo impresso: a editoria de esportes.

Aqueles que estiveram no gramado, muitas vezes podem “pendurar as chuteiras” e seguir carreira como técnicos, empresários de jogadores na ativa, diretores de algum clube ou simplesmente não fazer mais nada ligado ao futebol. Os outros, que foram parar em editorias de esportes, podem estar lá só de passagem, visando outras editorias como “economia” e “política”, podem passar a ser apresentadores caso estejam no rádio ou na televisão.

Mas, em alguns casos, cada vez mais numerosos como veremos a seguir, o atleta aposentado vai para a televisão e se torna comentarista, responsável por emitir juízo de valor sobre o trabalho de antigos colegas de profissão. Também em alguns casos, o jornalista que caiu na editoria de esportes não quer outro destino, segue sua paixão de menino e vai parar na cabine de transmissão para comentar um jogo importante.

Eis que agora, os dois indivíduos disputam o mesmo posto de trabalho, em uma função nascida no jornalismo, mas que há décadas se vale da figura do ex-atleta. No início, a utilização de esportistas nos comentários era pequena, muitas vezes participavam como convidados, hoje representam importante parcela dos comentaristas presentes nas grandes emissoras brasileiras que exibem jogos de futebol. Ao mesmo tempo, os desafios da profissão aumentam a cada dia nos tempos das redes sociais, com o espectador avaliando em tempo real o que diz o comentarista.

No capítulo "2", este trabalho faz uma retomada dos conceitos de "opinião" e "comentário", trazendo também uma reflexão do gênero opinativo no jornalismo e sua relação com a sociedade. O capítulo "3" trata do surgimento da função de comentarista esportivo,



com as evoluções e os questionamentos que gera junto à crítica e ao público. Já no capítulo "4", é desenvolvido um histórico dos ex-atletas comentando esportes, mostrando a trajetória dessa classe nas coberturas de copas do mundo e o principal influenciador de seu crescimento dentro do mercado, o locutor Luciano Do Valle. O capítulo "5" detalha os resultados da pesquisa de opinião feita com o público sobre o "comentário esportivo na televisão brasileira".

Este trabalho visa traçar um histórico da função, apontar as evoluções ao longo dos anos, os deveres, o conhecimento e as experiências necessárias para um bom profissional do comentário. Também tem por objetivo evidenciar o crescimento do número de ex-atletas comentando futebol, além de mostrar através de pesquisa de opinião os principais pontos que diferem o comentarista que foi jogador e aquele que veio do jornalismo.

## 2. OPINIÃO E COMENTÁRIO

O que é opinião? Algumas palavras ou termos estão tão ligadas ao nosso dia-a-dia que nem paramos para pensar no seu significado ou na abrangência de significados que ela alcança. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra "opinião" descreve "1. modo de ver, pensar, deliberar. 2. Parecer, conceito. 3. Juízo, reputação. 4. Ideia; princípio. 5. *Bras.* Teimosia; capricho."

### 2.1 A OPINIÃO

Para Beltrão (1980, p.14), opinião pode ser considerada a "função psicológica, pela qual o ser humano, informado de idéias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito de seu juízo." E, o que dá luz a esse "juízo" é a informação que o opinante tem sobre o objeto que será o alvo de sua opinião.

Então, para que um indivíduo seja capaz de opinar sobre algo, ele precisa ter adquirido anteriormente alguma informação sobre o tema em questão. Se você não conhece os pais de um bebê, nunca viu qualquer tipo de registro fotográfico deles, como pode opinar sobre com qual dos dois a criança mais se parece? Beltrão esclarece muito bem essa necessidade da informação para tecer a opinião:

Ora, informação significa o conhecimento de certos dados fundamentais, de certas características qualidades inerentes, de certas características essenciais, de certos aspectos pertinentes ao objeto sobre o qual se é convidado a opinar. Informação, para o homem, é a percepção do real, captada pelos sentidos e registrada em sua mente, seja pela observação direta, seja pela recepção de mensagens emitidas por outrem. Sem o armazenamento e as operações mentais dos dados sensoriais sobre o objeto, ninguém pode identificá-lo e julgá-lo [...]" (BELTRÃO, 1980, p. 14 e 15)

Pelo censo comum, a opinião não é necessariamente uma coisa que se "exprime". É freqüente ouvirmos no dia-a-dia a frase "prefiro não opinar", quando indagamos a alguém sobre o que pensa de um objeto, pessoa ou situação. É possível entender então, que a opinião exista de forma contida, sem a necessidade de ser expressa, como explica o filósofo espanhol Julian Marías, em sua obra *A estrutura Social*:

Quando alguém declara que não tem opinião, não quer dizer que não sabe e, sim, que não tomou posição por falta de interesse ou por não ter presente as possibilidades de opinar ou se por não contar com os elementos suficientes para que sua adesão se mobilize até uma delas. Isso significa que não se tem opinião sobre qualquer coisa, mas somente sobre certos temas que interessam para orientar a vida. (MARIAS. Julian - 1955, p.15)

É possível ainda que algo simplesmente não dê margem a uma opinião, caso não consista em algo questionável. Por exemplo: uma cadeira é uma cadeira. Não se pode opinar sobre isso, pois é um fato. Pode-se opinar sobre a cor da cadeira, sua forma ou seu estado de conservação; mas não se pode dizer que não se trata de uma cadeira. Beltrão (1980), fala sobre isso:

Nem todas as ocorrências, porém, são suscetíveis de opinião: é necessário que o objeto seja questionável, isto é, dê margem a uma opção do sujeito entre duas ou mais alternativas, igualmente possíveis. Quando o objeto não comporta diferentes faces, não há lugar para opinião. (BELTRÃO, 1980, p.16)

Ainda segundo Beltrão, mesmo que um objeto ou situação seja questionável, só essa característica não o torna passível de opinião. O autor destaca que "não será apenas pelo fato de ser questionável e contingente que determinada matéria se torna objeto da opinião. É necessário que o grupo social a considere passível de discussão, e não um *tabu*." (Beltrão, 1980, p.16)

Alguns temas não são considerados passíveis de discussão por serem consolidados pelo tempo como tradição ou costume de tal grupo social. Isso não quer dizer que em outro extrato da sociedade, ele também seja tratado como *tabu*. Em certos grupos, por exemplo, não se discute opção religiosa; enquanto em outros grupos, este pode ser um tema aberto para debate, e opção sexual não.

A opinião é um ato primeiramente individual, cada pessoa tem sua opinião sobre um objeto. Esta opinião pode, no entanto, ser compartilhada por muitos outros indivíduos e até mesmo por todo um grupo social, se tornando a "opinião geral", "dominante", ou "comum". Essa "opinião geral", porém, não precisa ser necessariamente a de todos os indivíduos, mas a da maioria presente naquele grupo. (Marías, 1955, p.16).

Outra característica importante da opinião, também lembrada por Beltrão (1980, p.18), é sua instabilidade. A opinião, tanto individual como a dominante em um grupo ou sociedade,

é mutável. Isto porque, como já vimos anteriormente, trata-se de opção entre duas ou mais alternativas igualmente possíveis e aceitáveis.

### **2.1.1 A opinião no jornalismo**

A opinião no jornalismo está muito presente, tanto no gênero informativo, quanto, obviamente, no gênero opinativo. No informativo, ela está presente indiretamente através da pessoa que produz a reportagem ou da linha editorial do veículo; e diretamente, através das opiniões de fontes que são reproduzidas nas matérias. Já no gênero opinativo, a opinião vem diretamente do responsável pelo texto. Pode ser a opinião do veículo ou editor (editorial), do cronista (crônica), do cartunista (charge), do comentarista ou do âncora (comentário), etc.

Gradim (2000, p.95) explica que no jornalismo opinativo, o texto é a expressão de pontos de vista subjetivos sobre um assunto que desperta o interesse do autor. Existe, neste âmbito, uma grande variedade de temáticas e estilos, podendo ir de um texto mais leve e humorado (crônica, charge), até uma análise mais rigorosa de acontecimentos, obras e hipóteses (artigo, crítica, editorial).

Tanto no estilo mais ligeiro como no mais lógico e silogístico o objectivo de quem faz opinião continua a ser o mesmo: afirmar determinadas posições pessoais, aduzindo argumentos a esse favor; e levar os outros a aderirem a tais teses ou conclusões. (GRADIM, 2000, p.95)

Em muitos casos, por falta de conhecimento do que se trata a profissão, o público ataca o jornalista por conta de sua opinião. Isto acontece porque parte desse público entende que o fato de ter opinião impede o jornalista de informar com objetividade e isenção. Mas cabe ao jornalista opinar, como a qualquer pessoa, mas com a responsabilidade de fomentar o debate sobre o tema em questão no espaço público, tirando-o de uma existência fechada em âmbito individual. Acerca desta relação entre opinião e informação (notícia), Gradim destaca:

A opinião distingue-se muito claramente da notícia porque não serve para fornecer informações novas, ou dar notícias. O seu objectivo é lançar o debate e esclarecer o público. Por outro lado, através da utilização das capacidades de análise do opinante, muitas vezes tais textos procuram chamar a atenção para determinados aspectos das notícias que tendem a passar despercebidos, e que não podem, pela sua natureza, ser tratados na própria notícia. (GRADIM, 2000, p.95-96)

Em sua obra, Beltrão traz importante reflexão sobre o papel do jornalista e, sublinha-se, de sua opinião, na sociedade:

Pela exposição dos caracteres da opinião, como fenômeno individual e como fenômeno social, de logo deduzimos a importância do seu exercício, por parte do jornalista. Opinar, para ele, não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar. Ainda mais: é sua função captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição. (BELTRÃO, 1980, p.18)

O jornalista representa, através de sua opinião, anseios que colhe na própria sociedade, ou através do conhecimento adquirido ao ter contato com os problemas desta em sua tarefa diária de informar. Por isso, Beltrão define a opinião do jornalista como o "juízo que manifesta sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta simultaneamente, em seções ao seu cargo e em matérias por ele firmadas".

Beltrão destaca ainda a importância da *mass média*, da qual fazem parte os grandes veículos de notícia e conseqüentemente, boa parte dos jornalistas, como formadora de opinião na sociedade:

E é através da mass media, notadamente da imprensa, mas também do rádio, da televisão e do cinema, que as opiniões adquirem uma existência pública. Ao jornalista, pois, cabe a função de preegoiro da opinião (própria ou de indivíduos e grupos sociais), a fim de que não fique ela restrita "ao mundo privado das vivências de cada um, mas ingresse no mundo de todos... fique em disponibilidade... seja, em suma, uma instância à qual se possa recorrer", condição de suma importância para a orientação do homem e da sociedade nos nossos tempos. (Beltrão, 1981, p.18)

Outra importante figura dentro do espectro que compõe as opiniões propagadas pela *mass media* é o editor. A opinião do editor, publicada de forma direta no editorial, é normalmente um reflexo da opinião dominante do grupo que mantém o veículo e que dita a *política editorial*. Esta última se baseia em diversos fatores, segundo Beltrão:

a) as convicções filosóficas do grupo; b) as informações e relações que envolvem o tema proposto; c) as sondagens e pesquisas realizadas na área de circulação e influência do veículo; d) a experiência jornalística dos chefes de redação, algumas vezes mesmo reunidos em conselhos editoriais; e, finalmente, e) os interesses econômicos da empresa. (BELTRÃO, 1980, p.19)

São muitos os interesses ligados à política editorial de um veículo, e o editor, apesar de possuir também seu próprio juízo individual sobre cada tema, funciona como um emissário da linha editorial definida pela direção do veículo. Inclusive, a opinião do editor não está

presente apenas de maneira direta, através do editorial, mas também de forma indireta, identificável "pelo critério de seleção das informações, pelo relevo dado a determinadas matérias, pelos títulos, fotografias e outras características". (Beltrão, 1980, p.19)

## 2.2 O COMENTÁRIO

A palavra "comentário", para Aurélio, é "1. série de observações com que se esclarece e/ou critica uma produção literária ou científica; anotação. 2. Apreciação dum fato ou situação." Essa "apreciação dum fato ou situação" pode ser vista como uma forma de opinião, mas a opinião pode existir sem tomar a forma de um comentário. O comentário, caso não seja escrito ou verbalizado, não existiu. Ou o locutor fez um comentário sobre algo ou não fez.

### 2.2.1 O comentário no jornalismo

O comentário no jornalismo é uma modalidade do gênero opinativo que contém a opinião particular do comentarista (Santos/Belancieri, 2015) e, por isso, tende a promover uma identificação maior do público para com o conteúdo do texto. O comentarista vale-se de informações e de seu juízo pessoal para compor o comentário e expressá-lo. Guedes (2009) esclarece acerca da função do comentarista:

Ele opina, ou seja, enxerga a partir de seus valores pessoais, emitindo parecer sobre determinado assunto. Mas, o profissional vai além de apenas ver e pensar um determinado objeto. A partir das suas observações, o comentarista analisa e critica, e por vezes, ajuda determinado assunto ou tema a se tornar entendível. No jornalismo [...] é cobrado que o jornalista não só informe, mas, que também comente e analise, tornando as informações mais acessíveis ao público. (GUEDES, 2009 apud BELTRÃO, 1980, p.43)

O comentarista, de forma geral, é um jornalista especializado em determinado assunto, que se debruça com dedicação especial a este tema e, por esta razão, tem conhecimento e autoridade para explicar o assunto e opinar sobre ele de forma crítica. Prado (2007) descreve assim a figura do jornalista que atua como comentarista:

[...] um jornalista com experiência no assunto que comenta, acompanha os fatos com mais profundidade, por ser um observador privilegiado, que geralmente tem acesso a certas tramas que envolvem os acontecimentos, trazendo-os à compreensão do público. Por ter grande bagagem cultural, o comentarista é um profissional que possui os elementos necessários para emitir opiniões e valores munidos de credibilidade. Suas opiniões serão respeitadas não só pelo público que recebe a mensagem, mas também pelos personagens do mundo da notícia. (PRADO, 2007, p.49)

Existem também comentaristas que não possuem o diploma de jornalismo ou comunicação, mas são especialistas na área sobre a qual comentam. Economistas, por exemplo, participam com frequência de programas de rádio ou TV na função de comentaristas de Economia. Outro exemplo desta situação será tratado mais a frente, já que se trata de um dos objetos centrais deste trabalho, que é o ex-atleta que atua como comentarista esportivo.

### 3. O COMENTÁRIO ESPORTIVO

O campo dos esportes sempre se mostrou território propício para o comentário. O assunto gera opiniões diversas o tempo todo no dia-a-dia do brasileiro, seja em casa, no trabalho ou na rua. Os jornalistas esportivos, ainda limitados à mídia impressa e certamente impelidos por este costume nacional, exerceram, desde o início do século XX, uma liberdade para emitir julgamentos que não teve caminho tão fácil em outras editorias. No entanto, o comentário começou a ter maior destaque nos anos 40, com a popularização do rádio e suas transmissões de esportes.

#### 3.1 SURGIMENTO E DELIMITAÇÃO DA FUNÇÃO DE COMENTARISTA

Na década de 1930, após alguns anos de transmissões esportivas no rádio, constatou-se a necessidade de uma atração que segurasse o interesse do ouvinte no intervalo das partidas. A busca para preencher essa lacuna levou os locutores a entrevistarem os repórteres de jornal que acompanhavam a peleja. Os repórteres emitiam suas opiniões acerca do jogo, do desempenho de atletas e equipes. Mais tarde surgiu um segundo locutor, que informava dados da disputa, como número de faltas e de finalizações. (SOARES, apud FERRARETTO, 2000)

A participação destes repórteres de jornal nos intervalos dos jogos foi bem aceita pelos ouvintes, que, como consumidores do esporte, já acompanhavam suas crônicas nos cadernos de esportes ou publicações exclusivamente dedicadas à atividade esportiva. Percebendo que haviam finalmente encontrado a solução para manter a audiência ligada enquanto a bola não voltava a rolar, as emissoras instituíram nas equipes este novo integrante. Prado (2007), relembra este período:

Em 1940, o então locutor da rádio Cruzeiro do Sul, Blota Júnior, decidiu ceder espaço para que o redator de esportes Geraldo Bretas efetivamente analisasse as partidas, emitindo sua opinião pessoal sobre o que via. Mais tarde, o próprio Blota Júnior assumiria o papel de comentarista, trabalhando com o locutor Geraldo José de Almeida, na Rádio Record. A Rádio Panamericana foi quem primeiro explorou o comentário como atrativo na transmissão esportiva, com a dupla formada pelo locutor Pedro Luís e o comentarista Mário Moraes. (PRADO, 2007, p.54 )

A figura do comentarista ao longo da segunda metade do século XX se enraizou no imaginário popular como parte indissociável de uma transmissão esportiva no rádio. A preocupação era transmitir ao ouvinte um parecer sobre o que o ocorria na quadra ou no campo utilizando uma linguagem clara, executada de forma simples para alcançar o grande



público, porém com respeito à correção da língua. O comentarista, além de ter destaque no intervalo, passou a intervir também no transcorrer do jogo, em espaços delimitados, fazendo uma "tabelinha" com o narrador.

Neste cenário de inovação nas transmissões com a inserção do comentarista, novamente vem à tona o nome da Rádio Panamericana, como destaca Soares (1994):

Pedro Luís e Mário Moraes formavam dupla inseparável. Na Panamericana, Mário Moraes não era um simples coadjuvante. A "Emissora dos Esportes" levou ao ponto máximo o comentarista do jogo, transformando-o num nome tão forte quanto o do narrador. (SOARES, 1995, p.53)

Para Ferraretto (2000), assim como a coluna em um jornal, o comentário no rádio e na TV possui um papel de complemento em relação à informação que está sendo veiculada. Apesar de ter características mais coloquiais em relação à coluna, o formato do comentário permite que o profissional utilize figuras de linguagem e jogos de palavras para destacar sua linha de argumentos.

Através destas ferramentas da língua, os comentaristas se tornaram populares entre os espectadores, que gostavam das "pitadas" de ironia e dos bordões e apelidos que eram inseridos nos comentários. Entre os grandes nomes que colocaram a função nesta posição de destaque, está João Saldanha, que surgiu em 1959 na Rádio Guanabara e se consagrou na Rádio Globo (GUERRA, 2012, P.88).

Guerra (2012) destaca ainda as características de Saldanha, que o levaram a se tornar nome sempre lembrado quando o assunto é o comentário esportivo:

Saldanha literalmente conversava com o ouvinte. Falava com o ouvinte como se estivesse sentado em uma mesa de bar. Entre outras coisas, além de ser um homem extremamente culto e politizado, Saldanha falava de detalhes do jogo e, algumas vezes, nem da partida falava, de forma que empolgava os ouvintes. [...] Saldanha introduz também na atuação do comentarista o papel de criar figuras de linguagem, expressões que fazem parte do que Luiz Mendes chama de "futebolês". Ao "comentarista que o Brasil consagrou" são atribuídas criações de termos tais como "zona do agrião", "entregou o ouro ao bandido", "mapa da mina", "a vaca vai pro brejo" e "caiu do cavalo". (GUERRA, 2012, P.88)

Com o passar do tempo, as atribuições do comentarista foram se tornando cada vez mais definidas e sua função na transmissão, melhor delimitada. Guedes (2009, p.33) destaca que esta evolução na caracterização do que é responsabilidade do comentarista, foi avançando muito em razão da necessidade de que: "narrador, comentarista, repórter de campo (que foi

implantado em seguida) não tivessem suas atribuições misturadas, e é claro confundissem quem estivesse acompanhando a transmissão".

As principais funções dentro de uma transmissão esportiva se consolidaram no rádio e foram repassadas à televisão quando esta começou a exibir as disputas. Gasparino (2013) define:

O narrador explica o que acontece e como acontece, pede a opinião ou análise do comentarista e os repórteres de campo apresentam detalhes pontuais ou registros técnicos que os primeiros não dispõem [...] (GASPARINO, 2013, P.24)

Dentro destas delimitações, ficou ao comentarista a responsabilidade de passar ao público uma análise do que ocorre na partida, avaliando o desempenho e o comportamento dos entes envolvidos nela: o que fizeram as equipes, os técnicos, os árbitros e os jogadores individualmente. Também faz parte do trabalho do comentarista tentar adiantar o que ainda pode vir a ocorrer na disputa, como um analista de economia tenta prever a direção na qual caminha o mercado. Ou seja, "Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.78-79).

### 3.2 PAIXÃO, PALPITE E DRAMATIZAÇÃO: OS QUESTIONAMENTOS ACERCA DO COMENTARISTA ESPORTIVO

Schinner (2004, p.62) revela uma visão cética em relação à função de comentarista em uma exibição de esportes. Para o autor, o "passionalismo", que pode ser descrito como o exagero da emoção e da paixão por um time ou jogador; e o "achismo", ou "ato de se supor embasamento técnico"; são duas características marcantes dos profissionais do comentário em geral.

Esta visão de Schinner, no que se refere ao que ele chama de "passionalismo", é difícil de ser constatada como um comportamento que possa ser generalizado para toda a classe dos comentaristas esportivos. O espectador, apaixonado por um clube, constantemente questiona a isenção do profissional envolvido na transmissão, tentando adivinhar qual seu time do coração e julgando, na maioria das vezes sem embasamento, que isso interfere no trabalho que está sendo desenvolvido. Os questionamentos ganham mais intensidade e volume quando o profissional admite publicamente sua preferência por uma agremiação.

Maurício Menezes, ex-narrador e comentarista das rádios Globo e Nacional no Rio de Janeiro, aborda a questão do "passionalismo" em trecho da entrevista concedida por ele ao autor para o desenvolvimento deste trabalho:

Achismo e passionalismo ainda existem, mas ultimamente têm diminuído bastante, até porque, agindo assim, o comentarista perde a credibilidade. É inegável que todos os comentaristas têm o clube de sua preferência - ele não deve esconder - mas transportar o seu sentimento para a análise do jogo é inconcebível. (APÊNDICE 3)

Coelho (2003, p. 57) lembra que João Saldanha era botafoguense declarado e chegou a ser até treinador do Glorioso, em 1957, conquistando o título de campeão carioca daquele ano no comando da equipe. Ainda assim, Saldanha nunca foi acusado de distorcer os fatos nos comentários. Coelho encerra o raciocínio com uma importante reflexão sobre o tema:

Jornalista político tem o direito e o dever de votar. O fato de ter de comportar-se com isenção no período eleitoral não o obriga a anular seu voto. Da mesma forma, jornalista esportivo não deve nunca se envergonhar de torcer por essa ou por aquela equipe. Vergonha, para jornalista, é equivocar-se na informação[...] (COELHO, 2003, p.59)

Henrique Fernandes, jornalista e comentarista dos canais de TV por assinatura SporTV e Premiere FC, lembra que, quando a transmissão é restrita a uma determinada região, os comentários e informações normalmente são mais voltados para o time desta localidade, para atender ao interesse dominante do público. Esta prática, no entanto, não significa fazer uma cobertura "bairrista", que pode ser apontada como um exemplo do "passionalismo". Fernandes explica essa diferença entre atender a demanda da audiência local e fazer uma transmissão de caráter "bairrista":

Em rádio, com público regional, sempre falei mais dos clubes da minha região, mas sempre condizente com o jogo. Não acredito nisso de o Atlético, por exemplo, estar jogando mal em uma partida e o comentarista desvirtuar a visão do jogo para fazer parecer que há coisas positivas só para agradar seu público. Não é por aí. O que havia em rádio, sim, era uma "atenção especial" ao clube que cobríamos. Em um Cruzeiro x São Paulo, por exemplo, me interessava fazer observações sobre o Cruzeiro, sejam boas ou más, porque também era o que interessava ao meu ouvinte. Na TV, já não há muito isso. É um veículo nacional, os dois times tem torcedores/assinantes, que precisam ser igualmente atendidos. (APÊNDICE 2)

Quando a discussão é sobre a dramatização do esporte sobrepondo-se à objetividade nos comentários e informações, se aproxima principalmente das características dos

comentaristas e jornalistas esportivos como um todo, do início e meados do século XX. Naquele período, a fidelidade ao que acontecia dentro do campo de jogo não era a maior preocupação dos profissionais que cobriam desportos. Os exemplos claros dessa fase são os irmãos cronistas Mário Filho e Nelson Rodrigues, lembrados por Coelho (2003), ao tratar do romantismo na cobertura esportiva:

Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento [...] era por eles tratado com rara dramaticidade. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses. (COELHO, 2003, p. 17-18)

No rádio e nas páginas de jornais daquela época, o esporte era dramatizado, como uma novela, ou uma peça de teatro. Segundo Guerra (2012), esta característica dos relatos esportivos no século XX no Brasil, foi decisiva para a massificação do esporte no país. As transmissões radiofônicas alimentavam o imaginário do torcedor, que se identificava com o atleta, transformando-o em mito. Guerra cita texto do próprio Nelson Rodrigues, que retrata bem esta fase:

[...] a bola é um reels [...] detalhe, pois o que interessa no esporte é o ser humano por trás da bola, é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. O que vale são as histórias \_ cômicas, dramáticas ou simplesmente pitorescas \_ que se formam em torno das personagens e instituições do universo futebolístico. Através desse suplemento interpretativo, que são os incontáveis discursos que a sociedade produz sobre o espetáculo, o jogo ganha uma dimensão nova e emocionante. (GUERRA, 2012, p.55, apud RODRIGUES FILHO, 1994, P.11)

Já sobre a questão do "achismo", também usado por Schinner (2004) para definir uma das características do comentarista esportivo, é importante destacar que existem profissionais que opinam sem se basear devidamente em argumentos concretos e informações confiáveis, mas isso consiste em uma prática que "joga contra" a própria profissão, como avalia Unzelte (2000):

E quem disse que o comentarista, além de comentar, também não tem de cultivar fontes, buscar e checar informações para embasar melhor seus comentários? Se em todas as outras áreas do jornalismo o verbo "achar" é proibido, por que no esporte o "achismo" pode correr solto? Porque se trata de um assunto em que todo mundo se sente autorizado a dar pitacos, a manifestar sua opinião. (UNZELTE, 2000, p.8)

Para evitar a perda da credibilidade, o profissional deve estar sempre atualizado e bem informado. Como bem colocado pelo jornalista espanhol Martí Perarnau em entrevista ao site

Chuteira FC em 2017, apesar de todos se considerarem autoridades no assunto, o futebol é muito mais complexo do que parece:

No mundo inteiro as pessoas adoram opinar sobre futebol, o que não significa que tenham conhecimento para isso. Ninguém se atreve a opinar sobre física quântica e a contestar as teorias de Einstein sem ter conhecimento, mas sobre futebol sim. E o futebol, embora possa ser jogado de uma maneira muito simples, é um esporte muito complexo. (PERARNAU, 2017)

Por isso, é importante para o comentarista se afastar do "achismo" e da figura do "palpiteiro", tentando embasar melhor suas afirmativas sobre o jogo. Isto porque, pelo caráter popular do futebol, todos estão sempre dispostos a emitir suas opiniões acerca da modalidade e contestar julgamentos divergentes.

### 3.3 MAIS OBJETIVIDADE, MUITAS ESTATÍSTICAS E O "TATIKUÊS"

A subjetividade, dominante na cobertura de esportes em boa parte do século XX, deu lugar, a partir da década de 1970, a uma preocupação maior em transmitir o fato com mais precisão e apego à objetividade. O romantismo nas páginas das publicações e nas transmissões esportivas, começou a ter seu espaço reduzido, dando lugar a uma cobertura esportiva próxima dos moldes da cobertura de outras editorias do jornalismo.

A paixão sempre fez parte do ambiente esportivo e, com ela, doses de fantasia se tornaram ingrediente especial na cobertura dos eventos. Porém, a importância de informar ao espectador o que acontece de verdade, com detalhes que ele muitas vezes não consegue perceber sozinho, não pode ser deixada de lado. Nesta linha de raciocínio, Coelho observa:

Análise tática sobre jogo de futebol vai sempre valer relatos dignos de fazer o torcedor mais fanático se arrepiar tanto quanto a descrição perfeita de partida de futebol. A conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornais e revistas e dos relatos de emissoras de rádio e televisão. (COELHO, 2003, p. 23)

Como também pondera Guedes (2009, p.36), é "difícil dizer o que, exatamente, fez mudar a forma do comentarista se portar"; mas é possível relacionar o aumento das informações à disposição do comentarista e do público a esta mudança de postura. E, por "informação", compreende-se também a informação visual, ou seja, a chegada da imagem à casa do espectador. A partir da década de 1970, as transmissões pela televisão se tornaram

mais populares, com o acesso de cada vez mais brasileiros ao aparelho, que era artigo muito raro nas décadas de 1950 e 1960.

Outro fator que pode ser associado à crescente da objetividade nas transmissões esportivas é a maior variedade, também a partir dos anos 1970, de estatísticas do jogo disponíveis para a equipe de transmissão. Isto acabou deixando ao comentarista certa obrigação de, ao menos, levar os números em consideração ao analisar a partida. Esta responsabilidade, naturalmente, destoa de uma abordagem mais subjetiva do que acontece em campo. Guerra (2012) aponta algumas mudanças que a transmissão pela televisão e o aumento do uso da estatística provocaram:

A evolução tecnológica trouxe mais câmeras, novos ângulos, novas possibilidades de narrativas. [...] Sem o recurso da fantasia, do "direito de mexer com o imaginário" do telespectador apenas com as palavras, como o rádio que sempre fez com sucesso, a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações e etc). (GUERRA, 2012, p.93-94)

Ora, a estatística transforma "deuses" do esporte em mortais com uma simples média de acerto de passes ou gols por arremate. É mais difícil alimentar a imaginação quando se tem tantos números disponíveis que prendem os profissionais e o público à realidade. Mas jogar uma avalanche de números sobre a audiência também pode prejudicar a qualidade da transmissão.

Maurício Menezes, avalia que "as estatísticas - utilizadas atualmente - são válidas, mas considero que são divulgadas em excesso, muitas repetidas e que cansam os ouvintes" (APÊNDICE 3). Ou seja, é preciso saber interpretar os dados e, mais ainda, saber transmiti-los de forma clara, simples e sem repetições ou redundâncias, para que não se tornem uma coisa cansativa e a pessoa em casa entenda e se mantenha interessada.

O uso cada vez maior das estatísticas trouxe consigo uma linguagem muito rebuscada e técnica, que foi batizada pelos críticos como "tatiquês" e vem sendo cada vez mais usada por comentaristas e colunistas. Cheio de termos estatísticos e técnicos, este vocabulário nem sempre é de fácil compreensão para quem apenas assiste, mas não é um estudioso do esporte. O repórter e comentarista das rádios Globo e CBN, Rafael Marques, falou sobre este assunto em entrevista concedida ao autor para a elaboração deste trabalho:

Eu acho que o "tatiquês" é importante, porque demonstra a quem está consumindo aquele comentário, que você conhece aquilo que você está falando, que você tem domínio do que você está falando, que você enxerga além do óbvio. Mas você não pode se distanciar do seu consumidor. O ideal é que você, dentro de uma análise, consiga ao mesmo tempo trazer esses dados, essa percepção muito mais professoral; mas mantendo uma linguagem de aproximação com o seu público. Não é fácil porque geralmente o comentarista é: ou muito boleiro, muito povão, muito popular, tem um perfil muito mais simplório; ou ele é muito professoral. É muito difícil encontrar o meio termo, mas é o ideal. (APÊNDICE 1)

Muitas vezes o comentarista apenas solta os números ao vento, sem interpretá-los, e o espectador fica sem entender o que aquilo significa para o andamento do jogo. Em outras ocasiões, o comentarista interpreta de maneira equivocada os números aos quais tem acesso, passando a informação errada para quem acompanha a transmissão. Entende-se então que:

[...] Para lidar com dados estatísticos é preciso ter muito cuidado, pois uma leitura equivocada pode acarretar uma interpretação completamente errônea e sugerir uma outra visão da partida de futebol.

A falta de preparo por grande parte da imprensa, ou pelo desconhecimento desta área, tem feito com que o "scout" no futebol induza a opiniões às vezes equivocadas por parte dos comentaristas esportivos. (VENDITE, VENDITE, MORAES, apud GUEDES 2009, P.37)

São muitas as variáveis às quais o comentarista moderno deve estar atento para que não caia em armadilhas da função e permaneça necessário à transmissão. Ele deve mostrar perspectivas que o espectador não consegue perceber sozinho, interpretar e explicar corretamente os dados aos quais tem acesso, sintetizar o panorama geral da partida, propor alternativas às quais as equipes poderiam recorrer e, por fim, tentar prever o que ainda virá a ocorrer no jogo. Tudo isso dito de forma clara e coloquial, com pitadas de "futebolês", para que a audiência entenda e se identifique com o que está ouvindo.

#### **4 - EX-ATLETAS COMO COMENTARISTAS ESPORTIVOS**

Na Copa do Mundo FIFA de 2014, que teve o Brasil como país-sede, as emissoras nacionais de televisão escalaram 28 ex-jogadores de futebol para participarem da cobertura do evento como comentaristas (Retirado do Blog do Chico Maia, acesso 21/05/2018 às 21:27) . Na edição de 2018 do torneio, disputada na Rússia, nomes que ainda não haviam exercido a função, como o sérvio Dejan Petkovic, ídolo do Flamengo, estarão à frente dos microfones.

A prática de utilizar ex-atletas como comentaristas esportivos não é recente. Pessoas que praticaram determinada modalidade esportiva profissionalmente em algum momento da vida e, especialmente aquelas que obtiveram grandes conquistas, sempre foram tratadas como autoridades no assunto. Emitiam suas opiniões sobre outros atletas e equipes em entrevistas, ou em participações especiais em programas ou transmissões de eventos esportivos.

O fenômeno que hoje toma conta da mídia esportiva nacional, porém, é outro: o número crescente de ex-atletas contratados para cargos ligados ao jornalismo, com destaque para a função de comentarista. Na realidade atual, os considerados "especialistas" por terem atuado como desportistas, deixaram de ser convidados especiais e passaram a representar um nicho importante dentro do mercado, disputando e, muitas vezes ganhando, vagas dentro do jornalismo esportivo.

##### **4.1 OS PRIMÓRDIOS E O PRIMERO GRANDE NOME: LEÔNIDAS DA SILVA**

Como já dito, os ex-atletas sempre foram tratados como autoridades nas modalidades pelas quais competiram no passado. Por essa razão, sempre foram chamados a opinar em entrevistas ou como convidados em transmissões de rádio e televisão. Afinal, o público sempre se mostrou interessado em saber o que pensavam aquelas pessoas que já haviam encerrado a carreira, mas que um dia atuaram profissionalmente como esportistas.

Por outro lado, a carreira como desportista de alto nível, em geral, não dura tantos anos. No futebol, no vôlei e no atletismo, por exemplo, os profissionais que passam dos trinta anos de idade, já estão na reta final para a aposentadoria. Por esta razão, os próprios atletas enxergavam nestas participações no rádio e na TV, uma boa oportunidade para se manterem próximos do público e ligados ao esporte, como aponta Soares (2015):



Desde os anos 1970, quando as emissoras passaram a transmitir as competições esportivas ao vivo, já tinha um ex-técnico, ex-atleta ou ex-árbitro nas transmissões. Com a aposentadoria dos gramados, quadras ou piscinas, os ex-atletas passaram a buscar outras alternativas para se manterem "ativos" no esporte que praticavam e continuar trabalhando. (SOARES, 2015. p.30)

Na verdade, muito antes das transmissões ao vivo pela televisão, quando a grande massa só conseguia acompanhar os jogos de futebol pelas ondas do rádio, na década de 1950, um dos grandes nomes do comentário esportivo foi um famoso ex-atleta: Leônidas da Silva. Conhecido pela alcunha de "Diamante Negro", Leônidas era ídolo das torcidas do São Paulo e do Flamengo. Pelo selecionado nacional do Brasil, atuou em duas Copas do Mundo, 1934 e 1938, sendo inclusive um dos artilheiros na segunda participação, quando a Seleção chegou à terceira colocação, melhor posição até aquele momento. A popularidade do craque era imensa à época, sendo considerado por grande parte da população o melhor futebolista nascido em solo brasileiro. A carreira de Leônidas como comentarista foi destacada em reportagem especial sobre sua trajetória no site [globoesporte.com](http://globoesporte.com):

[...] Leônidas se tornou um craque no microfone. Virou comentarista. Não um qualquer, cabe ressaltar. Afinal, o ex-jogador conquistou sete prêmios Roquete Pinto, o maior da época, por seus comentários.

Como comentarista, Leônidas seguiu até meados de 1974, quando os primeiros traços do mal de Alzheimer começaram a atacá-lo. "Histórias Incríveis: o mito Leônidas, o diamante da bola, batiza chocolate" Globo Esporte - (Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>)

Leônidas cobriu a Copa do Mundo da Suécia, em 1958, atuando como comentarista no primeiro título mundial do Brasil. Mais tarde migrou para a televisão, onde continuou a emitir suas opiniões sobre o esporte bretão até ser impedido pelas complicações do Alzheimer.

#### 4.2 OS EX-ATLETAS CONQUISTANDO ESPAÇO NAS GRANDES COBERTURAS DAS COPAS DO MUNDO

Com a televisão já presente em muitos lares do país, os ex-atletas começaram a aparecer em debates esportivos na "telinha". Para a Copa do Mundo de 1966, que seria disputada na Inglaterra, o então bicampeão mundial pela Seleção Canarinho, Mário Jorge Lobo Zagallo, foi contratado pela TV Rio para atuar como comentarista de dois programas especiais do canal, segundo texto publicado pelo site Trivela:

No “Bate-Pronto”, havia a primeira participação televisiva de um sujeito que já fizera história em campo (e ainda faria mais): Zagallo, convidado às pressas para ocupar a lacuna de João Saldanha, então viajando pela Europa. Já às vésperas da Copa, a emissora lançou o “Ducal na Copa do Mundo”: patrocinado pela marca de roupas que o nomeava, tinha como debatedores o jornalista Cláudio Mello e Souza (1935-2011), o advogado e político Rafael de Almeida Magalhães (1930-2011) – muito vinculado ao futebol por toda a sua vida -, Fernando Barros, e dois que dispensavam apresentações: Zagallo e Nelson Rodrigues (1912-1980). (Disponível em <http://trivela.uol.com.br/copa-na-televisao-brasileira-o-cenario-antes-de-1970/>)

No entanto, em 1966, assim como já havia acontecido em 1962 e 1958, os canais de televisão tupiniquins não exibiram os jogos ao vivo, apenas gravações destes, que algumas vezes demoravam dias para irem ao ar, já que as fitas eram enviadas do país-sede para cá em vôos comerciais. Já o comentarista Zagallo, após dois títulos como jogador da Seleção (1958 e 1962), viu o time canarinho fazer uma campanha sofrível em campos ingleses, perdendo para Hungria e Portugal e sendo eliminado precocemente na primeira fase (Léo, 2017, p.104-105).

#### **4.2.1 1970 e 1974: ex-atletas são exceções entre comentaristas nas primeiras copas transmitidas ao vivo para o Brasil**

Em 1970, com a grande expectativa da população acerca do time de craques do Brasil, que tinha Pelé, Rivellino, Tostão e companhia; as emissoras nacionais se uniram para transmitir a Copa do Mundo do México ao vivo. O grupo formado para dividir os custos e exibir os jogos teve quatro tevês como integrantes: Globo, Tupi, Bandeirantes e Record, as duas últimas atuando como uma só para entrar na barganha: a "Rede de Emissoras Independentes" (Léo, 2017, p.126-127).

Os comentaristas enviados ao país da América do Norte foram: João Saldanha (Globo), Rui Porto, Geraldo Bretas (Tupi) e Leônidas da Silva, que trabalhava na Bandeirantes e foi à competição fazendo dupla com o narrador Fernando Solera, contratado da Record (Léo, 2017, p.127-128).

De todos estes comentaristas citados, apenas Leônidas e Saldanha haviam sido jogadores profissionais, mas o segundo havia abandonado a carreira precocemente para se dedicar ao jornalismo e tinha décadas de experiência somando trabalhos em redações de jornais, estações de rádio e TV. Contudo, o maior trunfo de Saldanha como comentarista naquela Copa, era uma experiência recente dentro do futebol: o jornalista foi o técnico da Seleção Brasileira durante as eliminatórias para aquela edição do torneio e só foi substituído

por Zagallo em março de 1970, às vésperas do mundial. No fim, o Brasil se sagrou campeão, com o "Velho Lobo" à beira do campo e o "João Sem Medo" comentando.

Na primeira Copa do Mundo exibida em cores para o Brasil, em 1974, seis emissoras (Cultura, Tupi, Record, Bandeirantes, Gazeta e Globo) entraram no "bolo" e conseguiram comprar os direitos de transmissão do torneio, sediado pela Alemanha. O time de comentaristas brasileiros enviados à Europa para aquela cobertura televisiva foi grande para a época: Rui Porto e José Santana (Tupi); Roberto Petri (Gazeta) e Blota Júnior (Record); João Saldanha e Milton Collen (Globo); Orlando Duarte, que viajou a serviço da Rádio Jovem Pan, mas fazia comentários sobre o desenrolar da competição nos noticiários da TV Cultura. Todos estes eram jornalistas de carreira, assim como Ciro José, que não foi ao Velho Continente, mas comentava dos estúdios da Globo no Rio de Janeiro, os jogos que não eram exibidos ao vivo (LÉO, 2017, p.166).

O ídolo do Botafogo e bicampeão mundial pelo Brasil, Nilton Santos, também não viajou para a Alemanha, mas participava de uma mesa de debates exibida pela TV Rio aos domingos. Nilton era o único ex-atleta entre os debatedores da atração, batizada de "Terceiro Tempo" e que ia ao ar as 23 horas com apresentação de José Cunha e participações de Luiz Mendes, direto do país germânico, por telefone (LÉO, 2017, p.168).

#### **4.2.2 1978: Ex-atletas ganham espaço no comentário esportivo como convidados especiais**

A Copa do Mundo de 1978 foi disputada na América do Sul, 16 anos após a última edição no continente. Seis emissoras brasileiras adquiriram os direitos para transmitirem o campeonato, que seria sediado pela Argentina, foram elas: Gazeta, Cultura, Tupi, Bandeirantes, Record e Globo. Vinte e sete dos trinta e oito jogos da Copa seriam exibidos ao vivo no Brasil, um recorde até então.

A TV Gazeta escolheu levar apenas o narrador Peirão de Castro para a Argentina, mas escalou dois comentaristas do país para as transmissões: o jornalista Ulises Barrera e o ex-atleta Helenio Herrera, naturalizado francês e que fez história como técnico na Europa, sendo bicampeão da Copa dos Campeões (atual Liga dos Campeões da UEFA) com a Internazionale de Milão, além de comandar a Espanha na Copa do Mundo do Chile, em 1962. Já a TV Cultura, quase ficou de fora da Copa, mas acabou adquirindo os direitos de transmissão graças ao suporte do governo federal, às vésperas da competição. O responsável pelos

comentários das partidas na emissora foi Jorge Vieira, outro ex-atleta que era mais conhecido pelo trabalho como treinador, pois foi o técnico do último título do América-RJ no Campeonato Carioca, em 1960 (LÉO, 2017, p.180-184).

A TV Tupi já enfrentava uma grave crise financeira em 1978, mas ainda assim fez questão de transmitir a Copa do Mundo. Os comentaristas enviados pela emissora ao território argentino eram todos jornalistas ou radialistas de carreira: Geraldo Bretas, Milton Collen, Ivo Amaral e Ataliba Guaritá Neto. Além destes, Antônio Eurico ficou no Rio de Janeiro para comentar do estúdio as gravações dos jogos que não foram exibidos ao vivo. Foi a última Copa da Tupi, que teria seu transmissor lacrado em julho de 1980.

A equipe da Bandeirantes enviada à Argentina para o mundial contou com quatro comentaristas. Os jornalistas Márcio Guedes, Alberto Helena Júnior e Paulo Stein; além do ex-jogador Larry Pinto de Faria, que fez história vestindo as camisas de Fluminense (RJ) e Internacional (RS) na década de 1950. Larry faria dupla com um narrador que faria sua primeira Copa do Mundo *in loco*, o carioca Galvão Bueno.

Já a comitiva da Record rumo ao país platino teve dois comentaristas vindos do jornalismo e que trabalhavam nas partidas exibidas ao vivo: Hélio Ansaldo, vindo do rádio, mas já com carreira consolidada na televisão; e Hamilton Bastos. Dos estúdios em São Paulo, dois argentinos ligados ao futebol comentaram os VTs noturnos da Record: Carlos Cavagnaro, técnico do Vélez Sarsfield à época; e Roberto Perfumo, jogador que havia se aposentado no ano anterior e, além de ter atuado na Seleção Argentina por muitos anos, era idolatrado no Brasil pela torcida do Cruzeiro, onde foi tricampeão mineiro entre 1972 e 1974 (LÉO, 2017, p.180-184).

Em 1978, a Rede Globo planejou pela primeira vez uma grande cobertura de uma Copa do Mundo, que seria disputada naquele ano na Argentina. Segundo o jornalista Leonardo Gryner, em entrevista para o Memória Globo (Disponível em [memoriaglobo.globo.com](http://memoriaglobo.globo.com), acesso em 29/05/2018 às 20:42h), a equipe que foi para o país vizinho era composta por 63 pessoas, número recorde de profissionais enviados por uma emissora nacional a um evento esportivo no exterior, à época.

Além dos repórteres, produtores, cinegrafistas e locutores, esta grande delegação "global" que desembarcou na Argentina para cobrir a copa também contava com duas ilustres presenças: Pelé, já aposentado dos gramados na ocasião; e Rubens Minelli, também ex-jogador de futebol, que fazia uma carreira de sucesso como treinador, tendo conquistado os campeonatos brasileiros de 1975 e 1976, pelo Internacional de Porto Alegre, e o de 1977 pelo

São Paulo Futebol Clube. Rubens e Pelé atuaram naquele mundial como comentaristas convidados um programa especial no formato mesa-redonda, o *Bate-bola*, que contava também com os comentários do jornalista Ruy Carlos Ostermann e ancoragem de Armando Nogueira, além de outros convidados ocasionais (Disponível em [memoriaglobo.globo.com](http://memoriaglobo.globo.com), acesso em 29/05/2018 às 20:42h).

As duas celebridades vindas dos gramados, no entanto, só trabalharam como comentaristas no programa *Bate-bola*. Nas transmissões dos jogos, os comentários ficaram por conta de três profissionais vindos do jornalismo esportivo: Sérgio Noronha, que chegou à Globo em 1975, quando já tinha vinte e um anos de experiência em revistas e jornais do Rio de Janeiro ([memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/sergio-noronha.htm](http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/sergio-noronha.htm)) ; Ciro José, formado em jornalismo pela Fundação Casper Líbero e então já com quinze anos de trajetória entre rádio e televisão ([memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/ciro-jose.htm](http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/ciro-jose.htm)); e Pedro Luiz Paoliello, que havia participado das coberturas de todas as copas do mundo desde 1950 (Retirado da sessão "Que fim levou", disponível em <http://terceirotempo.bol.uol.com.br>).

#### **4.2.3 1982: exclusividade da Globo na transmissão da Copa e ex-atletas relegados à participações em programas de debate**

Em 1982, para a Copa do Mundo da Espanha, a Rede Globo obteve exclusividade para a transmissão do evento no Brasil. Com isso, a emissora superou a operação que havia montado quatro anos antes na Argentina, com uma estrutura nunca antes utilizada na América do Sul. A quantidade de profissionais e equipamentos da empresa brasileira impressionou até mesmo profissionais de grandes emissoras européias, como a inglesa BBC. Reginaldo Leme, que atuou como repórter, falou sobre isso em depoimento para o site Memória Globo:

Foi a primeira grande estrutura, a ponto de surpreender o mundo, as outras emissoras. Eu me lembro que os australianos, a BBC inglesa, a RAI italiana, todos ficaram surpresos com aquilo. A nossa redação era filmada por eles todos, dados o tamanho e a dimensão que a Globo deu àquela cobertura (Retirado do site "[memoriaglobo.globo.com](http://memoriaglobo.globo.com)", acesso em 09/06/2018 às 13:02h)

Naquela cobertura, de padrão inédito, as transmissões dos jogos foram divididas entre três duplas de comentaristas e narradores, além de repórteres fixos em cada sede e setoristas que acompanhavam as equipes de maior destaque, como o Brasil e a Itália, que acabou se sagrando campeã daquela edição do torneio (retirado de "<http://memoriaglobo.globo.com>", em 28/05/2018, às 21:19). Os comentaristas responsáveis por trabalhar nas partidas com

transmissão ao vivo, eram: Sérgio Noronha, Márcio Guedes e José Maria Aquino (Léo, 2017, p.213). Os dois primeiros, como já vimos, tinham experiências anteriores em mundiais de futebol, além carreiras consolidadas em grandes redações e emissoras de rádio e TV no Brasil. José Maria, havia acabado de chegar à Rede Globo para sua primeira experiência televisiva, já que vinha de carreira premiada em jornais e revistas, tendo conquistado o Prêmio Esso de Jornalismo em 1966 e 1969 com a equipe do Jornal da Tarde (Disponível em "[www.noangulo.com.br/o-comendador-jose-maria-de-aquino-2/](http://www.noangulo.com.br/o-comendador-jose-maria-de-aquino-2/)", acesso em 09/06/2018 às 13:18h).

Mas não foram só jornalistas que contribuíram com comentários naquele campeonato mundial pela Globo. A emissora carioca repetiu a fórmula da Copa de 1978 e continuou transmitindo, às onze e quinze da noite, nos dias em que a Seleção Brasileira entrava em campo, a "mesa-redonda" batizada de Bate-Bola. O programa especial tinha um time de comentaristas fixos: os jornalistas Márcio Guedes, Ruy Carlos Ostermann e Orlando Duarte; além de Emerson Leão e Oto Glória (Léo, 2017, p. 205-206). Leão estava no elenco campeão do mundo pelo Brasil em 1970 e havia sido o goleiro titular da Seleção em 1974 e 1978. Oto Glória teve trajetória marcante como técnico, inclusive treinando o selecionado português na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, quando derrotou a Seleção Brasileira por 3 a 1.

O Bate-Bola, no entanto, também contou com importantes convidados especiais: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé; Ferenc Puskas, craque húngaro que fez história também no Real Madrid; e Cesar Luis Menotti, ex-atleta argentino e que havia comandado a seleção de seu país no título mundial em 1978 (Retirado de <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou>, acesso em 09/06/2018 às 13:42h). Pelé, além das participações na atração global, atuou naquela copa comentando partidas para um canal mexicano. (Memória Globo: Copa do Mundo da Espanha 1982, acesso em 28/05/2018 às 20:47).

#### **4.2.4 1986: disputa por audiência volta forte e ex-atletas são usados como trunfo junto ao público**

Em 1986, a Copa do Mundo seria mais uma vez disputada no México e todas as grandes emissoras de televisão do Brasil obtiveram os direitos para a transmissão dos jogos, comprados em parceria por 4 milhões de dólares, divididos pelas cinco empresas integrantes: Bandeirantes, Manchete, SBT/ Record (montaram uma equipe em conjunto para a cobertura)

e Globo. Com tantas opções ao telespectador, a disputa pela audiência foi ferrenha e a presença de ex-jogadores consagrados na equipe, foi usado como trunfo em anúncios de jornais e placas de publicidade.

Um anúncio da TV Bandeirantes para aquele mundial dizia em letras garrafais: "Pelé, Rivelino, Clodoaldo, Luciano Do Valle, Juarez Soares e tudo o que você precisa para ter a melhor equipe". Os três tricampeões mundiais pelo Brasil em 1970 se juntariam à Soares e Júlio Mazzei, que não teve o nome citado na peça publicitária da emissora, como comentaristas do canal paulista na Copa (Souza, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h).

A contratação deste time de peso foi conseguida graças ao prestígio alcançado pela Bandeirantes em parceria com a empresa de promoções esportivas Promoção, fundada por Luciano Do Valle e os empresários José Cocco e José Francisco Coelho Leal, em 1981. A tabelinha com a empresa rendeu à emissora do bairro do Morumbi a alcunha de "Canal do Esporte", com uma programação recheada de competições não só de futebol, mas de várias outras modalidades, como veremos mais detalhadamente ao final deste capítulo. Em texto publicado no site Trivela, o colunista Felipe dos Santos Souza explica a montagem da equipe de comentaristas da Bandeirantes:

[...] ainda faltava um toque final. Dado com o auxílio financeiro dos anunciantes que a Promoção tinha: a contratação de ex-jogadores. Como Rivellino, destaque na Seleção Brasileira de Masters que Luciano já organizava. E acima de tudo, a aposta anunciada em 1985: Pelé. Sim, a Bandeirantes conseguia o que a Globo quis e não conseguiu em 1982: ter Pelé como seu comentarista, para os amistosos da Seleção Brasileira, os jogos das Eliminatórias e a própria Copa. (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h)

Nas principais partidas exibidas pela Bandeirantes, Pelé, Rivelino e Juarez Soares emitiam os comentários, enquanto Luciano Do Valle narrava. Clodoaldo e Júlio Mazzei, que também teve carreira ligada ao futebol, trabalhando como preparador físico e treinador; eram os comentaristas dos jogos de importância secundária (LÉO, 2017, p. 236).

Aliados à uma equipe de repórteres experientes e ao auge de Luciano como narrador, o trio de craques aposentados deu certo para a Bandeirantes, que se aproximou dos índices de audiência da Globo na cidade de São Paulo em alguns momentos das eliminatórias e da Copa, chegando até mesmo a superar a emissora carioca durante a partida entre Brasil e Paraguai, em 1985 (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h). Uma passagem marcante da cobertura no que se refere ao comentário foi a frase de Pelé após

a eliminação da Seleção Brasileira diante da França nos pênaltis: "É triste, dá vontade de chorar".

A TV Manchete, fundada em 1983, investiu pesado nos grandes eventos já nos primeiros anos de atividade. Em 1984, transmitiu os Jogos Olímpicos de Los Angeles, com uma grande equipe de ex-atletas nos comentários, apelidada de "Equipe de Ouro", da qual faziam parte nomes como Carlos Alberto Torres (futebol), Adhemar Ferreira da Silva (atletismo) e Wlamir Marques (basquete). Na Copa do Mundo de 1986, a emissora optou por uma dupla de comentaristas oriundos do jornalismo e com experiência em copas do mundo na televisão: Márcio Guedes e João Saldanha (LÉO, 2017, p. 237).

Saldanha era a grande estrela da comitiva da Manchete para o mundial. Após ter ficado onze anos afastado da televisão, o "João sem medo" voltou com todo seu carisma, com comentários ácidos e protagonizando uma novidade pensada pela emissora para os jogos do torneio: os espectadores teriam a disposição uma linha telefônica para interagirem com o comentarista, requisitando sua opinião a respeito de determinado tema envolvendo times e jogadores. Nas disputa de pênaltis entre Brasil e França, o jornalista e ex-técnico da Seleção Brasileira também entrou para história das copas nas "telinhas" nacionais:

Na transmissão dos jogos, mais do que Stein, Saldanha era o grande destaque. Sem qualquer rodeio, dava opiniões ardentes. Até começava explicando as táticas – como fez [...], na abertura do Brasil 1x0 Espanha da estreia brasileira. Como fez contra a Argélia, protestando contra a atuação ruim da Seleção – ao ser perguntado sobre quem poderia sair para a entrada de Muller, foi curto e grosso: “E eu sei lá? Porra, contra esse time aí? Sai qualquer um! Sai o Casagrande, sai o Sócrates, sai quem quiser! Sai até você, que fica aí me perguntando essas coisas!” E como fez, finalmente, na decisão por pênaltis de Brasil x França que confirmou a eliminação brasileira, ao criticar pesadamente a cobrança de Sócrates: “Me desculpa, um jogador sem condições não pode bater. Quer chegar juntinho da bola, [com] frescura, ficou lá no meio, quis bater... vá tomar banho! Palhaço!” (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h)

A Manchete também criou programas especiais para aquela Copa do Mundo, transmitidos diretamente do International Broadcast Center (IBC) da Cidade do México, com comentaristas já conhecidos junto ao público: Washington “Apolinho” Rodrigues, radialista muito popular no Rio de Janeiro desde a década de 1960; Armando Marques, ex-árbitro de futebol e protagonista de várias atuações polêmicas quando ainda apitava (Retirado de "[terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou](http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou)", acesso em 12/06/2018 às 1:12h) ; e Sandro Moreyra, cronista esportivo que trabalhou por mais de 30 anos na redação do Jornal do Brasil



(Retirado de "[www.lance.com.br/futebol-nacional/100-anos-sandro-moreyra-legado-historias-jornalista.html](http://www.lance.com.br/futebol-nacional/100-anos-sandro-moreyra-legado-historias-jornalista.html)", acesso em 12/06/2018, Às 1:10h).

O Sistema Brasileiro de Televisão, SBT, fundado por Sílvio Santos no início da década de 1980, se uniu à Record, que já tinha tradição esportiva, formando um "pool" para a transmissão do mundial do México, como já haviam feito para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, dois anos antes. Anúncios publicitários destacavam a união das emissoras, lançando o nome da equipe: "Unidos Venceremos". Para os jogos do Brasil, o narrador era Sílvio Luiz, da Record, que também cedia o comentarista Ciro José e Flávio Prado para as reportagens. Pelo lado do SBT, o comentarista era Juca Kfourri, então diretor de redação da revista *Placar*, e Jorge Kajuru como repórter. João Carlos Albuquerque, o João Canalha, que era muito conhecido no rádio paulistano, também atuou como comentarista secundário da "Unidos Venceremos", além de trabalhos como apresentador (LÉO, 2017, p. 237).

E, no jogo que eliminou a Seleção Brasileira, contra a França, Juca Kfourri foi o responsável pelo comentário mais marcante da união SBT/Record na Copa do Mundo de 1986. Ao ver Sócrates, ídolo do Corinthians, se posicionando para efetuar a primeira cobrança do Brasil na disputa de pênaltis, Juca opinou que a torcida poderia contar com o "1 a 0" na série, pois o meia alvinegro nunca havia perdido um pênalti decisivo e não seria ali que iria perder. Mas, Sócrates errou a cobrança e o jornalista constrangido soltou: "Não falo mais nada, me 'demito'" (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h).

Com a ameaça da concorrência, que não existiu na edição de 1982, a Rede Globo voltou a investir em comentaristas vindos do futebol para a cobertura do mundial de 1986, no caso, dois treinadores à época. A grande novidade foi Mário Jorge Lobo Zagallo, ou só Zagallo, contratado como um dos comentaristas da emissora para a competição. O ex-atleta foi uma jogada e tanto da empresa de Roberto Marinho, pois havia participado da conquista das copas de 1958 e 1962 como jogador, além de ter sido o técnico da Seleção Brasileira na conquista do tricampeonato, no mesmo México, em 1970. Além do ídolo de três copas, que trabalhava nos jogos do Brasil, Rubens Minelli voltou a figurar como comentarista da emissora carioca (Léo, 2017, p. 233).

Haviam também participações especiais de convidados para comentarem algumas partidas, como José João Altafini, o "Mazzola", que foi campeão do mundo pelo Brasil em 1958 e jogou a copa seguinte pela Itália, o que era permitido naquele tempo (<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou>). Just Fontaine e Eusébio, ídolos das

seleções francesa e portuguesa, respectivamente, também participaram de transmissões globais no México como comentaristas convidados.

Um programa especial noturno fechava a cobertura diária da Globo na Copa, com apresentação de Fernando Vanucci e comentários do ex-jogador Carlos Alberto Torres, capitão da Seleção Brasileira no tricampeonato; e do árbitro José Roberto Wright, que avaliava as atuações da arbitragem nos jogos do dia.

A contribuição de treinadores e ex-atletas na cobertura global, que em 1982 ficou restrita a participações em programas de debate sobre o torneio, em 1986 passou a ser a regra para os comentários. Pressionada pelas presenças de Pelé e Rivelino na Bandeirantes, a Globo mudou completamente a identidade de sua equipe de comentaristas, optando por deixar de fora aqueles que vinham do jornalismo.

#### **4.2.4 1990: cada emissora anuncia seu “craque” dos comentários e ex-atletas atingem protagonismo nas transmissões**

Em 1990, a Copa do Mundo foi disputada na Itália, que naquele momento tinha o campeonato mais forte no mundo, com diversos craques de outros países indo desfilarem seu talento nos campos do país mediterrâneo, em um movimento que teve início ainda nos primeiros anos da década de 1980. O público do Brasil teve quatro opções entre as redes de televisão aberta para assistir ao mundial: Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT .

O time de comentaristas do SBT era composto por uma mescla de ex-atletas, treinadores e jornalistas. Telê Santana, técnico da Seleção Brasileira nas duas copas anteriores (1982 e 1986), foi escalado para a equipe de transmissão dos jogos do selecionado canarinho, com direito à alcunha de "técnico dos técnicos", dada a ele pela emissora em propagandas e durante suas participações nas exibições de partidas e programas especiais. Emerson Leão, em mais uma Copa como comentarista; e Sócrates, em sua primeira longe dos gramados, completavam o trio que não vinha da imprensa esportiva. Representando os jornalistas, dois nomes: Orlando Duarte, já citado aqui e com vasta experiência no rádio e na TV em mundiais; e João Carlos Albuquerque, em sua segunda Copa consecutiva no SBT.

No entanto, apesar de ser a grande aposta do canal paulista para os comentários, Telê havia assinado contrato com o Palmeiras às vésperas do mundial e teve que voltar ao Brasil após o término da primeira fase da Copa do Mundo. Ainda assim, o ex-técnico da Seleção continuou comentando as partidas mais importantes dos estúdios do SBT no bairro Vila

Guilherme, na capital paulista. Emerson Leão também teve que se dividir entre a carreira de técnico e os comentários na TV, já que comandava a Portuguesa e, durante o período do mundial na Itália, treinava seus jogadores de manhã e de tarde se dirigia aos estúdios para comentar os confrontos da Copa (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h).

Entre os escolhidos da Manchete para comentarem os jogos do mundial, estavam três ex-atletas, dois jornalistas e um ex-árbitro: Paulo Roberto Falcão, Zagallo e Roberto Dinamite; João Saldanha e Márcio Guedes; e Armando Marques (LÉO, 2017, p. 253). Um destes era uma aposta especial da emissora: Falcão, que estrearia na função justamente na Itália, onde era conhecido como "o Rei de Roma", por seus dias como jogador do time grená da capital italiana. O craque aposentado ainda teve um programa especial em preparação para a Copa, como conta Felipe dos Santos Souza em texto publicado pelo portal "Trivela":

Como não faltava intimidade do “Rei de Roma” com o país-sede, ela foi aproveitada antes mesmo os jogos começarem: o diretor Nilton Travesso dirigia “A Itália de Falcão”, programa pré-Copa no qual o ex-jogador apresentava o Belpaese, indo a pontos turísticos e fazendo entrevistas. Não bastasse a iniciativa, Falcão foi apontado quase unanimemente como o melhor comentarista da televisão brasileira naquela cobertura. O que até contribuiu para sua escolha como sucessor de Lazaroni no comando da Seleção, logo após a Copa. (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h)

Além dos jogos exibidos ao vivo, os comentaristas também participavam dos programas especiais, já tradicionais em todas as emissoras durante as edições da Copa do Mundo. Porém, uma das atrações na grade da Manchete para aquela Copa, merece destaque: o "Mulheres Debatem", primeira mesa-redonda feminina da televisão brasileira em mundiais de futebol. As jornalistas Leda Nagle e Mylena Ciribelli mediavam as discussões que envolveram personalidades como a atriz Cristiana Oliveira, as modelos e também atrizes Luma de Oliveira e Luiza Brunet, a cantora Alcione e até Marta Suplicy (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h).

Mas a Manchete passava por um desafio diferente naquela cobertura: a preocupação com João Saldanha. O jornalista fez questão de viajar à Itália, mesmo com a saúde bastante comprometida por um enfisema pulmonar. Do International Broadcast Center em Roma, comentava os jogos que aconteciam por todo o país-sede, além de ditar para sua filha escrever, a coluna especial que assinava no Jornal do Brasil sobre a Copa. Na data de seu aniversário de 73 anos, o "João sem medo" participou de sua última transmissão, a da

semifinal entre Itália e Argentina. No dia seguinte sofreu uma crise respiratória e se ausentou do restante da cobertura, incluindo a final, quando foi homenageado pelo narrador Paulo Stein no pós-jogo do título alemão. Quatro dias após o encerramento do mundial, Saldanha faleceu na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital Santo Eugenio, no bairro de Eur, em Roma (LÉO, 2017, p. 262-263).

A Bandeirantes não mediu esforços para exibir o mundial de 1990, levando uma delegação de 120 pessoas, a maior da televisão brasileira naquela edição. Além disso, ainda contava com o diferencial de ser a única emissora do país que transmitia a série A do Campeonato Italiano. O canal paulista teve sete comentaristas para a transmissão do evento: Zico, Rivelino, Juarez Soares, Júlio Mazzei, Mário Sérgio, Sílvio Lancellotti e Giovanni Bruno.

Juarez Soares, Júlio Mazzei e Rivelino já haviam participado da cobertura da Copa de 1986 pela Bandeirantes. Sílvio Lancellotti e Giovanni Bruno eram os comentaristas das transmissões do Campeonato Italiano. O primeiro é jornalista e transitou entre a editoria de esportes e colunas de gastronomia durante a carreira; já o segundo, era à época um conhecido dono de restaurante da capital paulista, especialista na culinária italiana, e que foi convidado para comentar os jogos disputados na série A por sua identificação com a cultura do país. Mário Sérgio e Arthur Antunes Coimbra, o Zico, formavam o trio de ex-atletas da Bandeirantes ao lado de Rivelino. No entanto, a grande aposta da emissora era mesmo Zico, que comentaria os jogos do Brasil no lugar de Pelé, que havia sido contratado pela Globo (SOUZA, 2018. Publicado em "<http://trivela.uol.com.br>", acesso em 11/06/2018, às 20:58h).

A Rede Globo conseguiu o que já tentava há anos: contar com o Rei do Futebol em suas transmissões dos jogos da Seleção Brasileira. Pelé já havia atuado como comentarista na equipe global durante as eliminatórias e continuaria na copa. Além dele, outra novidade: Arnaldo Cezar Coelho, árbitro recém aposentado à época, seria o “comentarista de arbitragem”, função que passaria a ser fixa nas partidas de futebol exibidas pela Globo dali em diante. Raul Plassmann, que fora ídolo de Flamengo e Cruzeiro jogando como goleiro, já era o principal comentarista da emissora carioca desde 1987 nas competições domésticas e foi para a Itália como comentarista secundário para o mundial. O último e não menos importante nome da equipe de comentaristas global era o comediante Chico Anysio, que teve essa oportunidade após pedir à direção da emissora, durante a renovação de seu contrato, para colocá-lo a comentar futebol quando possível (Memória Globo: Copa do Mundo da Itália 1990, disponível em “[memoria.globo.com](http://memoria.globo.com)”, acesso em 28/05/2018 às 23:00h).

Na Copa do Mundo de 1990, os comentaristas vindos do futebol tiveram protagonismo evidente, com o SBT destacando o “técnico dos técnicos”, Telê Santana, em sua equipe; a Manchete exaltando a boa participação de Falcão, que ganhou até programa especial antes do mundial começar; e finalmente a disputa de craques entre Globo e Bandeirantes, com a Globo concentrando os esforços na tão sonhada escalação de Pelé para sua equipe, mas vendo a concorrente paulista reagir contratando Zico e o colocando ao lado de Rivelino e Luciano Do Valle nos microfones. A disputa pela audiência, que repetiu o cenário de 1986, alimentava a necessidade de grandes nomes do gramado participando das transmissões.

#### **4.2.5 1994: jornalistas ficam em segundo plano novamente no ano do tetra**

Em 1994, a Copa do Mundo foi disputada nos Estados Unidos e apenas três emissoras brasileiras transmitiram o mundial que daria o quarto título à Seleção Brasileira: SBT, Bandeirantes e Globo. Além delas, o SporTV foi o primeiro canal por assinatura nacional a exibir jogos de uma Copa do Mundo, mas não ao vivo, apenas em gravações, colocadas no ar a partir das 21:30h de cada dia de competições (LÉO, 2017, p. 275).

O SBT anunciou novamente o técnico Telê Santana como comentarista, com um destaque maior ainda do que em 1990, já que o treinador havia comandado o São Paulo em dois títulos da Libertadores e dois do Intercontinental de Clubes, em 1992 e 1993. O cronista esportivo Orlando Duarte e o capitão do tri, Carlos Alberto Torres, completavam o time da emissora nos comentários para o mundial na América do Norte. Osmar de Oliveira mediava o programa “Resumo da Copa”, que debatia os acontecimentos da competição com as participações dos comentaristas e do locutor Luiz Alfredo (LÉO, 2017, p.276).

A Bandeirantes seguia com sua fama de “Canal do Esporte” e queria mantê-la por mais tempo. Para a Copa de 1994, foram contratados sete comentaristas, sendo quatro ex-atletas: Rivellino, Tostão, Gérson e Mário Sérgio; e três vindos do jornalismo: Juarez Soares, Júlio Mazzei e Armando Nogueira. Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, foi campeão do mundo com o Brasil em 1970, mas se aposentou precocemente dos gramados, em 1973, e se focou na faculdade de Medicina, sem se envolver com o futebol novamente até ser convidado por Luciano Do Valle para a Copa do Mundo dos Estados Unidos e aceitar. Armando Nogueira também estava afastado da televisão desde 1990, quando saiu da Rede Globo, mas voltou à “telinha” também após chamado de Do Valle. Assim, a Bandeirantes, que a partir

daquela cobertura passou a promover o nome mais curto, “Band”, tinha uma equipe diversificada e com novidades de destaque em relação à Copa disputada na Itália quatro anos antes (LÉO, 2017, p. 276).

Já a Rede Globo, apesar do grande investimento na cobertura da Copa do Mundo de 1994, enviando 140 profissionais aos Estados Unidos, economizou na equipe de comentaristas, que contava apenas com Pelé, para os jogos do Brasil; Raul Plassman para o restante dos jogos exibidos pela emissora; Arnaldo Cezar Coelho, responsável por comentar sobre a arbitragem; e Juca Kfourri, que fazia comentários sobre os acontecimentos diários da Copa no Jornal da Globo (SOUZA, 2017, retirado de “trivela.uol.com.br”). Galvão Bueno era o narrador principal da emissora e fazia dupla com Pelé nos jogos da Seleção Brasileira, mas é o responsável por um momento polêmico daquela cobertura global, contado pelo jornalista Felipe dos Santos Souza no site Trivela:

Galvão esteve no Alemanha 1×0 Bolívia da abertura – e na cerimônia anterior -. Estava em Brasil 2×0 Rússia, Brasil 3×0 Camarões, Brasil 1×1 Suécia... e neste jogo, no Pontiac Silverdome de Detroit, seria o epicentro de uma polêmica. Após o final do jogo, tendo gravado comentário com Pelé (a ser exibido no “Jornal Nacional” daquele 28 de junho de 1994), Galvão conversou por um fone com Fernando Guimarães, diretor de operações da Globo, e Ciro José. Na conversa, ao ouvir as queixas de Fernando sobre os longos comentários que Pelé fazia nos jogos, o narrador foi enfático: “Fernandinho, você passou o jogo inteiro no meu ouvido. Eu sei que estão dizendo ‘fala para o Pelé parar’ (...) Só se eu matar ele, cara! (...) Ele vem aqui, mete a mão no microfone, ‘tum’, e abre, e fala! Quem contratou, conversa!”. Seria mera conversa de bastidores, se não tivesse sido captada por antenas parabólicas. (SOUZA, 2017, retirado de “trivela.uol.com.br”)

Em 1994, a Rede Globo consolidava em mais uma edição de Copa do Mundo, sua preferência por ex-atletas nos comentários dos jogos. Sua principal concorrente naquele ano, a “Band” contava com uma equipe mais equilibrada, com três jornalistas e três ex-atletas, apostando também na força de seus programas especiais de debate. Já o SBT, manteve Telê Santana como destaque e ainda contou com Carlos Alberto Torres, tendo apenas Orlando Duarte como comentarista vindo do jornalismo em sua equipe. O Brasil foi tetracampeão nos Estados Unidos e as vozes que analisaram aquele torneio, vieram majoritariamente do campo.

#### **4.2.6 1998: Globo monta time de “craques” do campo nos comentários e demais emissoras voltam a mesclar jornalistas e ex-atletas**

Cinco das emissoras brasileiras de televisão aberta, conseguiram transmitir a Copa do Mundo de 1998, na França: Record, voltando a uma Copa após 12 anos de ausência; SBT;

Record; Manchete; Band e Globo. Além destas, dois canais por assinatura entraram no páreo pela audiência naquela edição do torneio: SporTV, agora exibindo os jogos ao vivo; e ESPN Brasil, estreando em mundiais (SOUZA, 2017, retirado de “trivela.uol.com.br”).

No SporTV, apenas Sérgio Noronha vinha de carreira no jornalismo entre os comentaristas. Os outros nomes contratados pelo canal da Globosat foram Júnior e Raul Plassman, além do então zagueiro do Vasco em atividade, Mauro Galvão. O “Maestro” Júnior era o principal comentarista do SpoTV e dividia seu tempo com participações em jogos de segunda importância na Globo. Mauro, por outro lado, não viajou à Europa e comentou as partidas direto dos estúdios no Rio de Janeiro.

Na ESPN Brasil, cinco dos seis comentaristas para aquela primeira cobertura de um mundial, eram oriundos do jornalismo: Paulo Calçade, vindo da sucursal paulista do Jornal do Brasil; Paulo Cesar Vasconcellos, então repórter especial do “JB” e em sua primeira copa na televisão; José Trajano, diretor de jornalismo da emissora à época; Antero Greco, que já comentava jogos na ESPN desde a estreia do canal; e Reali Júnior (1941-2011), correspondente da Rádio Jovem Pan em Paris. O único ex-atleta era o principal comentarista, responsável por trabalhar nos jogos da Seleção Brasileira: Tostão, que havia deixado a Band para se juntar à equipe da ESPN, onde tinha até um programa de entrevistas, chamado “Um Tostão de prosa” (SOUZA, 2017, retirado de “trivela.uol.com.br”).

Passando à televisão aberta, a Record, em seu retorno, optou por uma equipe de comentaristas composta por três ex-atletas e um jornalista, todos eles com experiência em outras coberturas de mundiais na televisão: Sócrates, Carlos Alberto Torres, Mário Sérgio e Márcio Guedes. O SBT também contou apenas com dois profissionais responsáveis por comentarem as partidas, os veteranos vindos do jornalismo e de décadas de experiência na “telinha”: Juarez Soares e Orlando Duarte.

Já a Manchete, tinha mais nomes no seu time, inclusive alguns com carreiras ativas no futebol à época, casos dos treinadores Paulo Autuori e Valdir Espinosa, além do atacante Renato Portaluppi, ou Renato Gaúcho, então no último ano de sua trajetória como jogador profissional de futebol. Completando a equipe, o radialista Washington Rodrigues “Apolinho”, o ex-jogador Edinho e os jornalistas Milton Neves e Carlos Heitor Cony.

A “Band”, em 1998, apostava novamente suas fichas para os jogos do Brasil em comentaristas com histórico como campeões nos gramados. Os principais nomes do “Canal do Esporte” eram Rivellino e Gérson, que estavam juntos dentro de campo na conquista do tricampeonato mundial em 1970 e na cobertura da própria emissora paulista da Copa de 1994,

quando a “Seleção Canarinho” conquistou o tetra. Ainda compunham a equipe de comentários da Bandeirantes naquele torneio: os jornalistas João Zanforlin e Mauro Beting, que estava escalado para sua primeira Copa do Mundo na televisão, o veterano Armando Nogueira e os ex-atletas Raimundo Nonato Tavares da Silva, o Bobô; e José Eli de Miranda, o Zito (SOUZA, 2017, retirado de “trivela.uol.com.br”).

Para a Copa da França, a Rede Globo montou um time recheado de ex-jogadores para comentar as partidas, exceção feita a dois ex-árbitros que seriam responsáveis por opinarem sobre arbitragem: José Roberto Wright e Arnaldo Cezar Coelho. Pelé mais uma vez estava presente na cobertura global, acompanhado por outros ex-atletas que tiveram muito sucesso quando jogavam: Paulo Roberto Falcão, Walter Casagrande, Júnior e Romário (Memória Globo: Copa do Mundo da França 1998, disponível em “memória.globo.com”, acesso em 30/05/2018 às 19:45h). Este último, fora cortado da convocação para aquela edição do mundial pelo técnico Zagallo e, na Copa anterior, havia sido o destaque absoluto do selecionado brasileiro na conquista de seu quarto título.

#### **4.2.7 2002 e 2006: exclusividade da Globo na televisão aberta e maioria de comentaristas jornalistas nos canais fechados**

Na Copa do Mundo sediada em conjunto por Japão e Coréia do Sul, em 2002, o grupo Globo comprou os direitos exclusivos para a transmissão dos jogos e, assim, apenas a Rede Globo exibiu a copa na televisão aberta e o SporTV foi o único entre os canais por assinatura.

A Globo, sem concorrência naquela edição do torneio, voltou a ter um comentarista vindo do jornalismo: Sérgio Noronha. Mas, além dos comentaristas de arbitragem Arnaldo Cezar Coelho e José Roberto Wright, o domínio era novamente de ex-atletas opinando nas transmissões da emissora, somando três nomes: Paulo Roberto Falcão e Walter Casagrande, em mais uma Copa no “time da Globo”, com Dario José dos Santos, o Dadá, completando o trio. Apenas Falcão e Casagrande, porém, viajaram para os países-sede, com Noronha e Dario comentando dos estúdios no Rio de Janeiro (Memória Globo: Copa do Mundo 2002, disponível em “memória.globo.com”, acesso em 30/05/2018 às 22:30h).

Já o SporTV contou apenas com três comentaristas para sua segunda Copa do Mundo com transmissões ao vivo, todos ex-atletas: Júnior, já veterano do canal; Rivellino, em seu único mundial comentando no SporTV; e Leivinha, ex-meia do Palmeiras. Júnior ficou marcado por soltar gritos de “gol” nos jogos do Brasil naquela Copa, que podiam ser ouvidos



na transmissão juntos à voz do narrador (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”).

Em 2006, na Copa da Alemanha, ainda com exclusividade de transmissão na televisão aberta, a Globo abriu outra vaga para comentarista de arbitragem, além de Arnaldo Cezar Coelho e José Roberto Wright, o também ex-árbitro Renato Marsiglia integraria a equipe. Os ex-atletas Paulo Roberto Falcão e Walter Casagrande, mais uma vez eram as estrelas globais nos comentários dos jogos da Seleção Brasileira e, finalmente, Sérgio Noronha seguia como único comentarista da emissora vindo do jornalismo.

O cenário, no entanto, foi bem diferente no SporTV para a transmissão da Copa do Mundo da Alemanha. Os comentaristas do canal de esportes da Globosat eram todos vindos do jornalismo, somando cinco no total: Paulo Cesar Vasconcellos; Telmo Zanini, que participou das coberturas de todas as copas desde 1978 (Retirado de “memoria.globo.com”); Alex Escobar, vindo do programa “Rock Bola” da Rádio Cidade do Rio de Janeiro; Roberto Assaf, jornalista esportivo com passagens por “Jornal dos Sports”, “Jornal do Brasil” e ESPN Brasil (Retirado de “robertoassaf.com.br/sobre-roberto-assaf/”); e Maurício Noriega, com passagens pela imprensa paulista e contratado do SporTV desde 2002 (Retirado de “www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/mauricio-noriega/”).

A ESPN Brasil transmitiu os sessenta e quatro jogos da Copa do Mundo de 2006 e, assim como o concorrente SporTV, não escalou ex-atletas de futebol como comentaristas para a cobertura do evento. Os jornalistas Paulo Calçade e José Trajano estavam de volta para o segundo mundial na emissora, depois de terem participado também em 1998. Somavam-se a eles Mauro Cezar Pereira, Paulo Vinícius Coelho e Silvio Lancellotti, todos vindos das redações ou do rádio. Completavam o time: Gerd Wenzel, que é formado em administração de empresas, mas já atuava como comentarista na televisão desde 1991 (Retirado do site “uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/10/comentarista-da-espvn-vai-da-prisao-a-personagem-de-tv/”, acesso em 24/06/2018, às 18:00h); e Alexandre de Oliveira, formado em Educação Física e ex-jogador e técnico de futsal, que chegou à televisão em 2000, convidado pela própria ESPN para comentar jogos do “futebol de salão” inicialmente (Retirado de “https://www.uol/esporte/especiais/entrevista---ale-oliveira.htm#comeco-na-tv-foi-imitando-o-pvc”). Além dos comentários nos jogos, que ficaram por conta da equipe já citada, a ESPN ainda tinha a mesa-redonda “Linha de Passe”, que tinha Fernando Calazans, Márcio Guedes e Juca Kfourri comentando o dia-a-dia da competição.

A Bandsports, canal esportivo por assinatura do grupo Bandeirantes, que havia sido inaugurado em 2002, seguiu uma linha divergente de seus concorrentes na televisão paga para a contratação de comentaristas, apostando nos ex-jogadores Muller, Mauro Silva e Dunga, todos campeões da Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, pela Seleção Brasileira. Além dos ex-atletas, a emissora contava ainda com os comentários dos jornalistas Mauro Beting, Erich Beting e Antônio Petrin (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”).

#### **4.2.8 2010: Globo e Bandeirantes apostam nos ex-atletas, enquanto canais fechados preferem jornalistas comentando**

Na Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, cinco emissoras de televisão brasileiras tinham os direitos de transmissão dos jogos, sendo três canais por assinatura e dois abertos: SporTV, ESPN Brasil e Bandsports; Globo e Bandeirantes. A grande mudança foi a volta da concorrência entre Bandeirantes e Globo em um mundial na televisão aberta, com suas equipes dominadas por ex-atletas comentando as partidas.

A Globo manteve Paulo Roberto Falcão, Arnaldo Cezar Coelho, José Roberto Wright, Renato Marsiglia e Walter Casagrande, todos estes trabalharam na equipe global para o mundial anterior e seguiram entre 2006 e 2010. Casagrande, no entanto, precisou se afastar para tratar sua dependência química neste período, mas voltou para a Copa do Mundo. Júnior, que havia participado de outras edições da competição trabalhando por SporTV e Globo, também estava de volta. A única novidade mesmo, era Caio Ribeiro, ex-jogador com passagens por São Paulo e Flamengo, que foi comentarista na Rádio Globo de São Paulo e já estava na emissora carioca de televisão desde 2008 (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”). Caio virou sucesso naquela copa ao participar do programa especial “Central da Copa”, ao lado do jornalista e apresentador Tiago Leifert.

A Bandeirantes voltava a transmitir uma copa em 2010, após doze anos da última vez que conseguira comprar os direitos para transmitir uma edição do mundial. Os comentaristas escolhidos foram José Ferreira Neto, ex-atleta que fez sucesso por Corinthians e Guarani; Edmundo Alves Faria de Souza, o “Animal”, que teve passagens marcantes por Vasco e Palmeiras como jogador; e Alexandre Praetzel, jornalista conhecido no rádio esportivo paulistano. Neto e Edmundo já vinham comentando os jogos do Campeonato Brasileiro na emissora e tinham um público fiel que os acompanhava nas exibições da principal competição

de clubes do Brasil. A emissora paulista ainda exibiu o debate “Band Mania”, com Osmar de Oliveira e os ex-atletas Denílson de Oliveira Araújo, que mais tarde seria contratado como comentarista; Emerson Ferreira da Rosa e Marcos André Batista Santos, mais conhecido como “Vampeta” (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”).

Nos canais por assinatura, o panorama foi diferente. O SporTV colocou apenas jornalistas no seu time de comentaristas. André Rizek e Lédio Carmona, vinham do meio impresso para opinarem na televisão pela primeira vez em uma Copa do Mundo. Outros quatro nomes completavam a lista do canal fechado da Globosat: Paulo Cesar Vasconcellos, Carlos Eduardo Lino, Maurício Noriega e André Loffredo.

Na ESPN Brasil, nenhuma novidade, os nomes responsáveis por comentarem as partidas disputadas na África eram: Paulo Vinícius Coelho, José Trajano, Paulo Calçade, Mauro César Pereira, Silvio Lancellotti, Gerd Wenzel e Alexandre Oliveira. Eduardo Monsanto, jornalista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, comentou apenas um jogo pela ESPN, entre Uruguai e Gana, já que tinha ido ao continente africano como apresentador e narrador. Leonardo Bertozzi e Gian Oddi, jornalistas que começavam a ganhar espaço como comentaristas do canal, participavam do debate “Fora de Jogo”, que contou também com a participação do ex-jogador Paulo César Caju (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”).

Na Bandsports, o ex-atleta Mauro Silva e os jornalistas Mauro Beting e Erich Beting, que já haviam atuado pelo canal na Copa do Mundo da Alemanha, voltaram em 2010 na África do Sul. Além deles, mais três comentaristas vindos do jornalismo: Sérgio Patrick, Beetto Saad e Fábio Piperno. Apesar do predomínio de jornalistas nos comentários, o canal esportivo da Bandeirantes teve em Mauro Silva o único ex-atleta a comentar jogos daquela Copa na televisão fechada (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”).

#### **4.2.9 2014: ex-atletas conquistam mais espaço nos canais por assinatura, enquanto na televisão aberta não há espaço para jornalistas comentando jogos**

Depois de sessenta e quatro anos, a Copa do Mundo voltava a ser disputada no Brasil em 2014. Na primeira edição sediada pelo país, em 1950, os brasileiros ainda acompanhavam futebol pelo rádio e, seis décadas depois, muito coisa havia mudado, principalmente no aspecto tecnológico, mas também nas funções dentro de uma transmissão esportiva, como já vimos nos capítulos anteriores deste trabalho. Para o segundo mundial em solo brasileiro,

Globo e Bandeirantes transmitiram novamente os jogos na televisão aberta, enquanto quatro canais fechados disputaram a preferência dos assinantes: SporTV, ESPN Brasil, Bandsports e Fox Sports (SOUZA, 2018, disponível no site “trivela.uol.com.br”).

A Globo investiu em uma grande cobertura e aumentou sua equipe de comentaristas em relação à Copa do Mundo anterior, de sete em 2010 para doze em 2014. Alguns eram veteranos da emissora em mundiais, casos dos ex-atletas: Walter Casagrande, Júnior e Caio Ribeiro; e dos ex-árbitros: Arnaldo Cezar Coelho e Renato Marsiglia. Mas havia também novidades de destaque nos comentários, entre elas: os campeões mundiais pelo Brasil em 2002, Ronaldo Nazário de Lima, o “Fenômeno”, e Roberto Carlos; Antônio Augusto Ribeiro Reis Júnior, o “Juninho Pernambucano, e Roger Flores, aumentando o time dos ex-atletas; além de mais três árbitros já aposentados: Leonardo Gaciba, Paulo César de Oliveira e Márcio Rezende de Freitas. O numeroso elenco de comentaristas globais, porém, não tinha um único jornalista.

A Bandeirantes tinha um desfalque importante entre seus comentaristas para copa de 2014, Osmar de Oliveira, o “Doutor Osmar”, que enfrentava graves problemas de saúde naquele ano e, por isso, não chegou a participar dos jogos e programas especiais da cobertura. Osmar acabou falecendo no dia 11 de julho, dois dias antes da final da copa. Os outros comentaristas da emissora na competição eram todos ex-atletas: Neto, Edmundo e Denílson, que já estiveram presentes no mundial da África do Sul; além dos novatos Pedro Paulo de Oliveira, o “Pedrinho”, e Djalma Feitosa Dias, o “Djalminha”, em suas primeiras participações comentando futebol na televisão.

Se em 2010 o SporTV contou apenas com jornalistas comentando os jogos da Copa do Mundo, em 2014 foi bem diferente. Entre os comentaristas, claro, ainda havia grande presença dos jornalistas do canal, que somavam sete nomes: Lédio Carmona, Maurício Noriega, Carlos Eduardo Lino e André Loffredo, estavam novamente em uma cobertura de mundial, enquanto Raphael Rezende, Wagner Vilaron e Luiz Ademar eram novidades.

O número de ex-atletas contratados para os comentários é que foi de zero em 2010 a sete em 2014, empatando em quantidade de profissionais com aqueles vindos do jornalismo. Os nomes que já haviam jogado futebol profissionalmente eram: Juliano Belletti, campeão europeu pelo Barcelona e com passagens pela Seleção Brasileira; Edino Nazaré Filho, o “Edinho”; Ricardo Rocha; Ricardo Luís Pozzi Rodrigues, o “Ricardinho”; William Machado, ex-zagueiro com passagens por clubes como Corinthians, Grêmio e Cruzeiro; João Batista da Silva, conhecido como “Batista”, ex-volante do Internacional (RS); e Paulinho Roberto

Rocha, o “Paulinho Criciúma”, destaque do Botafogo (RJ) no final dos anos 1980. Fernando Lúcio da Costa, o “Fernandão”, ídolo do Internacional, também comentaria jogos daquela copa no SporTV, mas faleceu em um acidente de helicóptero no dia 7 de julho, menos de uma semana antes do início do torneio.

Ainda deve-se destacar, na cobertura do SporTV da Copa do Mundo de 2014, uma atração especial em formato de debate: o “É Campeão”. O programa era apresentado por André Rizek, que mediava as discussões entre cinco futebolistas aposentados que tinham sido campeões do mundo com suas seleções usando a braçadeira de capitão: Carlos Alberto Torres, campeão pelo Brasil em 1970 e já então colaborador do SporTV no “Troca de Passes”; Franz Beckenbauer, campeão em 1974 jogando pela Alemanha e depois como técnico da mesma seleção em 1990; Daniel Passarella, campeão pela Argentina em 1978; Lothar Matthäus, outro campeão pela Alemanha, como jogador, em 1990; e Fabio Cannavaro, que conquistou o título mundial em 2006 pela Itália.

A ESPN Brasil teve velhos conhecidos entre seus comentaristas para o mundial no Brasil: Paulo Vinícius Coelho, Paulo Calçade, Mauro Cezar Pereira, Alexandre Oliveira e Gerd Wenzel; todos estes já haviam participado de outras coberturas pela emissora e apenas Wenzel e Oliveira não vinham do jornalismo, mas tampouco dos campos, como já vimos anteriormente. Mais três jornalistas fariam suas primeiras participações como comentaristas de jogos ao vivo de Copa do Mundo: Gustavo Hofman, que tinha passagens pela Folha de S. Paulo e pelos portais online “Terra” e “Trivela”; Leonardo Bertozzi, que também passou pelo “Trivela” e já era comentarista da ESPN desde 2009; e Rafael Oliveira, que era comentarista do canal “Esporte Interativo” desde 2007 e chegou à ESPN em 2013.

Mas, em uma mudança na sua política interna, a ESPN colocou também ex-atletas como comentaristas convidados. Juan Pablo Sorín, Freddy Rincón e Sebastián “Loco” Abreu, comentaram os jogos das seleções pelas quais jogaram, respectivamente Argentina, Colômbia e Uruguai. O primeiro, inclusive, atuou como repórter acompanhando o selecionado argentino por onde ele fosse e entrevistando os jogadores. Todos os três deixaram escapar, em algum momento durante a copa, exclamações típicas de torcedores nos microfones da emissora enquanto opinavam sobre as partidas de seus países. Além destes três, vários outros ex-futebolistas participaram de programas ou telejornais do canal, como comenta Felipe dos Santos Souza no site “Trivela”:

Todavia, nunca o contingente de ex-jogadores havia sido tão grande numa cobertura de Copa do canal quanto em 2014. Zé Elias puxava a fila, como representante brasileiro. Mas até pelo fato de também ser a responsável por transmitir a Copa para demais países da América do Norte (e até para a parte latina dos Estados Unidos), a ESPN pôde contar com muitos jogadores, convidados a falarem das seleções de seus países nos telejornais como “Sportscenter” e “Bate-Bola”. Era o caso de mais um brasileiro, Gilberto Silva; do colombiano Carlos Valderrama; do holandês Ruud van Nistelrooy; do alemão Michael Ballack; de três (!) mexicanos – Zaguinho, Hugo Sánchez e Jared Borgetti. Como se não bastasse, para dar um olhar “cultural” àquela cobertura, participariam dos debates nos programas dois convidados: o ator Dan Stulbach (no “Bate Bola” e no “Linha de Passe”) e o publicitário Antonio Tabet (só no “Bate Bola”). (Retirado de “<http://trivela.uol.com.br/copa-na-televisao-brasileira-2014-faltou-uma-voz/>”)

A Bandsports utilizou alguns comentaristas da emissora aberta do grupo, a Bandeirantes. São os casos de Denílson, Djalminha e Pedrinho, que ficaram responsáveis pelas opiniões nas exibições de jogos de menor importância na televisão aberta e participações nos programas de mesa-redonda, enquanto no canal fechado comentaram partidas mais importantes. Ainda completavam a equipe: o ex-lateral e campeão mundial de 1994, Cláudio Ibrahim Vaz Leal, o “Branco”; o ex-goleiro do Palmeiras Wagner Fernando Velloso; o também ex-goleiro Ronaldo Soares Giovanelli, ídolo do Corinthians; e o jornalista Fábio Piperno.

A Fox Sports Brasil faria sua primeira cobertura da Copa do Mundo justamente no mundial disputado nos gramados brasileiros, em 2014. Na equipe de comentários para a copa, a Fox promoveu uma grande mescla, que contava com nomes vindos do rádio, dos campos e da arbitragem. Representando este último seguimento, estavam Ana Paula de Oliveira, que é formada em jornalismo (Retirado de “<http://www.anapaulaoliveira.com.br/biografia/>”), e Carlos Eugênio Simon, que havia apitado jogos nas copas de 2002, 2006 e 2010 (Retirado de “<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/>”).

No grupo vindo do jornalismo estavam: Osvaldo Pascoal, vindo da Rádio Globo de São Paulo; Rodrigo Bueno, que estava na ESPN antes de ser contratado pela Fox; Mauro Beting, saindo do grupo Bandeirantes após dezessete anos; Fábio Sormani, da Rádio Jovem Pan paulistana; Eugênio Leal, da Super Rádio Tupi; Maurício Borges, o “Mano” da rádio Energia 97 paulista; Marília Ruiz, com passagens pela “Band”, “Lance!” e Folha de S. Paulo; e Paulo Lima, vindo da TV Gazeta. Ainda completavam o elenco da emissora para os comentários na Copa do Mundo de 2014: os ex-atletas Mário Sérgio, já citado neste trabalho, e Athirson, com passagens como jogador por Flamengo e Cruzeiro; além dos técnicos Renê Simões e Vanderlei Luxemburgo. Este último, inclusive, participou das transmissões dos jogos da Seleção Brasileira no canal (SOUZA, 2018, disponível no site “[trivela.uol.com.br](http://trivela.uol.com.br/)”).

Através da linha do tempo das coberturas de copas do mundo, podemos ver como se popularizou o uso de ex-jogadores de futebol como comentaristas na televisão brasileira. Rede Globo e Bandeirantes, as únicas a exibirem os jogos na televisão aberta em 2014, optaram por equipes formadas apenas por futebolistas aposentados dos gramados, somando um total de doze, sendo sete da primeira e cinco da segunda. Em 1970, no primeiro mundial transmitido ao vivo para o Brasil, apenas quatro comentaristas foram enviados pelos canais abertos para a cobertura e, apenas um deles, não tinha carreira consolidada no jornalismo: Leônidas da Silva. Em 1982, quando a Globo exibiu a Copa do Mundo da Espanha com exclusividade, todos os seus comentaristas vinham do jornalismo.

Já na televisão por assinatura, de trajetória bem mais curta no Brasil, a mudança foi ainda mais brusca em duas das emissoras que exibiram os últimos mundiais. Em 2010, SporTV e ESPN Brasil não contrataram ex-atletas para comentarem os jogos da Copa do Mundo da África do Sul, já em 2014 o número de representantes da categoria nos dois canais somados foi de dez profissionais. A Fox Sports Brasil, que estreou em coberturas de Copa do Mundo em 2014, levou o menor número de ex-jogadores de futebol, apenas três entre doze comentaristas. O Bandsports tinha seis comentaristas que fizeram carreira jogando futebol e apenas um jornalista.

Ao todo foram vinte e oito ex-atletas comentando jogos na televisão brasileira durante a Copa do Mundo de 2014. O número de representantes com carreira no jornalismo foi de vinte e três profissionais (incluindo Ana Paula de Oliveira, comentarista de arbitragem da Fox que é árbitra e formada em jornalismo), todos estes trabalhando nas emissoras por assinatura. Além de Ana Paula, mais seis árbitros compunham o time dos comentaristas de arbitragem, somando sete ao todo (Retirado de “<http://trivela.uol.com.br/copa-na-televisao-brasileira-2014-faltou-uma-voz/>”).

#### 4.3 A IMPORTÂNCIA DE LUCIANO DO VALLE NA POPULARIZAÇÃO DO EX-ATLETA COMO COMENTARISTA ESPORTIVO

O locutor esportivo e apresentador Luciano Do Valle, falecido em 2014, é um dos nomes mais citados como responsável direto pelo aumento do número de ex-atletas como comentaristas nas transmissões de esportes no Brasil a partir dos anos 1980. Do Valle começou no rádio, em Campinas; já na televisão, atuou na Globo entre 1971 e 1983 e teve breve passagem pela Record, mas foi na Band que o locutor deu maior incentivo aos ex-

atletas como comentaristas. (Retirado de "http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,luciano-do-valle-revolucionou-o-esporte-na-tv-aberta,1156081", acesso em 22/05/2018 às 20:57)

A partir de 1983, Do Valle implantou na então TV Bandeirantes uma programação recheada de eventos e debates esportivos, principalmente aos fins de semana. O locutor levou para a grade do canal transmissões de vôlei, basquete, boxe, Fórmula Indy e até sinuca, além de outras modalidades que apareciam vez ou outra. Texto publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo na ocasião da morte do narrador, em abril de 2014, destaca essa fase:

Foi assim que Luciano foi precursor nas transmissões da Fórmula Indy, a partir de 1985, narrando o título de Fittipaldi em 1989. Foi a partir da voz dele que o Brasil acompanhou a rivalidade entre as equipes de Hortência e Paula, que, juntas, ganharam o Pan de 1991 em Havana e o título mundial de 1994. Ele, lógico, narrou as duas conquistas.

Luciano foi uma espécie de promotor de Maguila, principal peso pesado brasileiro da história. [...]

O narrador fez diversas apostas, a maior parte delas acertadas. Bancou a transmissão do Campeonato Paulista de Aspirantes, de diversas competições de futebol feminino (até hoje a Band organiza uma competição internacional entre seleções), popularizando nomes como Sisi, Kátia Cilene e Formiga e até jogos de sinuca, tornando Rui Chapéu famoso no Brasil.

Acertou principalmente quando passou a transmitir a NBA no País, em 1987, pegando a época em que brilhava o Chicago Bulls de Michael Jordan. Sempre com o apoio de narradores como Álvaro José e Téo José, abriu espaço até para o futebol americano no Brasil. (O Estado de S. Paulo, 19 de abril de 2014)

Por esta gama de modalidades variadas, que eram pouco conhecidas do público, e também por conta da grande quantidade de horas seguidas no ar com transmissões esportivas, Luciano Do Valle recorreu aos ex-atletas para comporem sua equipe de esportes. O locutor fez uma aposta que à época se mostrou acertada, pois precisava de pessoas que fossem capazes de explicar as regras do esporte em questão e, ao mesmo tempo, atraíssem audiência e patrocínios que viabilizassem a exibição destas modalidades menos populares.

A solução encontrada por Luciano na década de 1980, pode ser explicada segundo Cardoso (2017), pelas características que os desportistas aposentados oferecem como comentaristas:

[...] ele domina conhecimentos do seu campo de atuação, tem apelo comercial junto da audiência e é identificado pelo público. O atleta conhece bem as regras do esporte que praticou, está atualizado sobre os seus competidores, tem boas histórias para contar e possui a vivência pelos olhares técnico e psicoemocional. (CARDOSO, Marcelo. Revista *Communicare*, vol. 17, ed. 2, p. 69)



O jornalista Chico Maia, destaca em texto publicado em seu blog (<http://blog.chicomaia.com.br>) a importância de Do Valle para o crescimento desta prática no país:

[...] o Luciano do Valle montou a ótima equipe que conquistou o Brasil nas transmissões da Rede Bandeirantes e repetiu a fórmula, contratando ex-atletas de qualquer modalidade e ex-árbitros de futebol. Quanto mais famosos e polêmicos, melhor pra audiência. A Globo viu que estava perdendo espaço e aderiu à fórmula. E as demais emissoras, jornais e rádios seguiram a onda. (Retirado de "<http://blog.chicomaia.com.br>", acesso em 22/05/2018, às 21:25h)

O relato de Chico Maia sobre Luciano Do Valle vai ao encontro do que conta o ex-narrador Maurício Menezes, afirmando que "utilizar ex-atletas como comentaristas foi ideia do saudoso narrador esportivo Luciano do Vale, na TV Bandeirantes, nas transmissões de vôlei" e complementa destacando que depois "foi passando para as outras modalidades esportivas" também (APÊNDICE 3).

O próprio Luciano Do Valle, no entanto, muitos anos depois de ter convidado pela primeira vez um ex-atleta para comentar ao seu lado, atacou os comentaristas que não eram jornalistas formados. A declaração aconteceu em 2008, ao vivo, durante um programa esportivo da Band, no qual o locutor se mostrou bastante irritado com seus colegas de empresa. Em trecho retirado de uma gravação do episódio disponível no YouTube, Do Valle diz:

A imprensa de São Paulo está o quê? Abrindo guerra com a imprensa do Brasil? Imprensa não, "vírgula", os que se acham da imprensa. Porque na minha condição de jornalista, não está o Neto, não está o Godoy... e comentam na Bandeirantes! Para comentar do meu lado tem que ter diploma! E eles não têm. Então não adianta ir na onda deles, eles querem bagunça! Querem audiência! [...] (Transcrição retirada de vídeo disponível em "<https://www.youtube.com/watch?v=M2jC8-BA-eo>". Acesso em 23/05/2018, às 21:30)

Posteriormente, Do Valle voltou atrás nas declarações, se desculpando com os companheiros de trabalho que foram citados. Ainda assim, o impacto das palavras de Luciano naquela ocasião foi grande e ainda ecoa. Afinal, como já vimos, o papel de Luciano Do Valle foi fundamental para a popularização de ex-atletas atuando como comentaristas no Brasil. O próprio Luciano revelou em entrevista a Alberto Léo:

Em 90, o Mário Sérgio, o Zico e, em 94, o Tostão. O ex-atleta nos Estados Unidos era muito usado e eu via isso na televisão americana e eu achei que a gente deveria encostar o ex-atleta ao lado do jornalista, para não tirar o lugar do jornalista. Porque eu tinha modalidades esportivas, no futebol é fácil, todo mundo acha que entende de futebol, mas eu tinha modalidades. O Paulo Russo, no vôlei, ele foi jogador e treinador da Seleção Brasileira. O Edvar Simões, no basquete, foi jogador e treinador e assim por diante. Eu sempre pegava um especialista em cada esporte para poder fazer na olimpíada essa integração de você ensinar as regras, mostrar o que é. (LÉO, 2017, p. 276)

Apesar de reconhecer Do Valle como grande responsável pela popularização, aqui no Brasil, dos ex-atletas como comentaristas esportivos, o jornalista mineiro Chico Maia ressalta que o locutor paulista se inspirou em uma iniciativa surgida em Minas Gerais para implantar a prática em São Paulo.

Na verdade, ele se inspirou no que o Gil Costa fez com o Reinaldo, quando a Rádio Capital estava se instalando em Minas Gerais. Gil mirava o primeiro lugar no Ibope e sua fixação era bater a Itatiaia. Buscou lá o Vilibaldo Alves, que era como o Mário Henrique Caixa nos tempos de hoje; Paulo Roberto Pinto Coelho o “repórter que sabia de tudo”; Marco Antônio Bruck, que na época já era o plantão mais eficiente do nosso rádio e outros profissionais de renome da Inconfidência e Guarani. Mesclou com desconhecidos e novatos, como eu, Kleyton Borges, Garcia Junior e vários outros. A fórmula deu certo. Mas a Itatiaia continuava líder, com folga. Aí o Gil resolveu apelar para a popularidade do Reinaldo, que estava se recuperando de mais uma grave cirurgia no joelho, depois da Copa da Argentina em 1978. Quase um ano parado. O Rei topou ser comentarista da Capital enquanto estivesse no “estaleiro”. Foi um sucesso. Alavancou mais ainda a audiência da rádio, que, entretanto, continuou em segundo lugar. Mas quase chegou lá! (Retirado de " <http://blog.chicomai.com.br>", acesso em 22/05/2018, às 21:25h)

Luciano pode ter se inspirado na experiência mineira, mas ele próprio foi o grande responsável por mostrar o potencial comercial das participações de ex-atletas na TV , apesar do movimento não ter ficado restrito às telinhas. Naqueles primeiros anos da década de 1980, a prática começou a se tornar moda entre as emissoras de televisão e também de rádio pelo país. Até mesmo os radialistas cariocas Kleber Leite e Fernando Versiani se aproveitaram da nova tendência para promover seus recentes investimentos em produção de conteúdo radiofônico independente. A dupla comercializava programas para emissoras de amplitude modulada por meio da empresa Klefer Produções e contava com o apelo junto ao público de grandes craques como Zico e Falcão, que sempre participavam como comentaristas convidados nestas atrações (RIBEIRO, 2007 *apud* Cardoso, 2017).

## **5. ESTUDO DE CASO: EX-ATLETAS E JORNALISTAS COMO COMENTARISTAS DE FUTEBOL NA TELEVISÃO BRASILEIRA**

A fim de obter um demonstrativo da preferência do público de futebol sobre comentaristas ex-atletas e comentaristas vindos do jornalismo, foi realizada uma pesquisa de opinião utilizando a ferramenta de preenchimento de formulários online do Google. Cada pessoa poderia responder à pesquisa apenas uma vez, registrando sua entrada no formulário através do sistema do Google. Ao todo, foram 109 (cento e nove) pessoas que responderam às 12 (doze) perguntas de múltipla-escolha (ANEXO A) da pesquisa entre os dias 24 e 31 de maio de 2018. Algumas pessoas não escolheram uma das alternativas propostas e justificaram a razão em espaço próprio, desse modo, essas opiniões também serão citadas neste capítulo.

A primeira pergunta foi “Você é a favor de ex-atletas atuando nas transmissões e programas de esportes?”. Quase metade dos entrevistados, 47,7%, número equivalente a 52 pessoas, optou pela alternativa “a”, ou seja, são a favor de ex-atletas atuando “como comentaristas contratados e sem a necessidade de formação jornalística”. As alternativas “b” e “d” aparecem empatadas, com 22,9% das escolhas cada uma, o equivalente a 25 pessoas cada. A alternativa “b” diz que o ex-atleta pode ser “comentarista contratado, caso tenha formação adequada (jornalismo ou rádio e TV)”, enquanto a alternativa “d” diz que o ex-atleta pode participar dos comentários desde que seja como “comentarista convidado, caso não tenha formação adequada”. Os participantes que escolheram qualquer uma das duas (45,8% ou 50 pessoas), pensam que o comentarista deve ter formação adequada para ser contratado. No entanto, aqueles que marcaram a opção “d”, pensam que, mesmo sem formação, o ex-atleta pode atuar como comentarista convidado em uma transmissão. A alternativa “c”, que diz que o ex-atleta pode atuar “em qualquer função, sem necessidade de formação jornalística”, foi assinalada por 5 pessoas, ou 4,6% dos entrevistados. Duas (2) pessoas, que correspondem 1,8% dos participantes da pesquisa, pensam que “apenas jornalistas” devem comentar eventos e programas esportivos na televisão.

A segunda pergunta, trazia o seguinte texto: “Escolha a opção que mais combina com a sua preferência em relação às transmissões esportivas na TV e no Rádio:”. A maioria das pessoas entrevistadas, 53,2% (58 respostas) optou pela alternativa “c”, que considera que “o ideal é um jornalista e um ex-atleta comentando os jogos”. A opção “e” foi a escolha de 15,6% dos participantes (17 respostas) e diz que esta parcela dos entrevistados “não tem preferência entre ex-atletas e jornalistas comentando os jogos”. Outros 13,8% (15 pessoas), preferem “jornalistas comentando os jogos”. Aqueles que escolheram a alternativa “d”, acham

que “o ideal é “um ex-atleta com formação jornalística comentando os jogos” e somaram 12,8% dos entrevistados, o equivalente a 14 pessoas. A opção menos escolhida foi a “a”, com 4,6% (5 pessoas), que preferem “ex-atletas comentando os jogos”.

A terceira pergunta quis saber dos entrevistados se o seu comentarista esportivo favorito era “a) Um ex-atleta”, “b) Um jornalista”, ou ainda a alternativa “c) Não tenho um comentarista favorito”. A opção “b” foi escolhida por 61,5% dos entrevistados, ou 67 pessoas. A segunda opção mais assinalada pelos participantes da pesquisa foi a “c”, com 23,9% das escolhas, o que equivale a 26 respostas. A alternativa “a” foi marcada por 14,7% dos entrevistados, ou 16 pessoas.

A quarta pergunta foi sobre as emissoras que transmitem futebol no Brasil: “Você prefere os comentaristas de qual emissora?”. As opções foram: “a) Globo”, “b) SporTV e Premiere Futebol Clube”, “c) Fox Sports”, “d) Esporte Interativo”, “e) ESPN Brasil”, além da opção “Outros”, onde o entrevistado poderia escrever o nome de outra emissora que não estivesse escrito acima. A Espn Brasil foi a escolhida por 40,4% dos participantes (44 pessoas). A alternativa “b) SporTV e Premiere”, juntos na mesma opção pois ambos pertencem ao grupo Globosat e compartilham comentaristas, teve 23,9% das escolhas, o equivalente a 26 pessoas. A opção “c”, Fox Sports, foi marcada por 14,7% dos entrevistados (16 respostas). A Globo, opção “a”, foi escolhida por 10,1% (11 respostas) das pessoas que responderam a pesquisa, seguida pela alternativa “d”, Esporte Interativo, que teve a preferência de 7,3% dos participantes (8 respostas).

A “Band” foi a escolha de um (1) entrevistado, equivalente a 0,9% do total, que escreveu o nome da emissora paulista no campo “outro”. Um (1) participante escreveu “não tenho preferência por canal”, resposta similar a de outro que anotou “não tenho preferência”. Um dos entrevistados preferiu uma resposta mais longa e escreveu:

Não há uma preferência por emissora. Acho importante, no entanto, que as emissoras diferenciem programas de caráter nacional dos de caráter regional, pois aqueles precisam, por uma questão ética, manter certa imparcialidade na análise entre todos os clubes do País. A relação parcial de um programa local com os clubes de fora já não soa tão mal, pois é explícito e natural que os jornalistas de programas regionais tenham preferência por clubes de sua cidade. O problema está quando programas regionais, com jornalistas regionais têm um alcance na transmissão para o Brasil, pois suas análises são bairristas e transmitidas para todo o País.

A quinta pergunta questionou os entrevistados sobre a qualidade dos comentaristas ex-atletas no Brasil: “Como você avalia o nível dos comentaristas ex-atletas no Brasil?”. A maioria dos participantes, 54,1% ou 59 pessoas, escolheu a opção “c”, que considera

“Regular” o trabalho dos ex-atletas como comentaristas. Aqueles que consideram o trabalho “bom” e escolheram a alternativa “b”, equivalem a 22,9% dos entrevistados ou 25 pessoas. Outros 19,3%, ou 21 pessoas, marcaram a opção “d”, que avalia o nível dos comentaristas ex-futebolistas como “ruim”. Duas pessoas (1,8%) marcaram a alternativa “a) Ótimo” e outras duas (1,8%) a “e) Péssimo”.

A sexta pergunta tratou da qualidade dos comentaristas jornalistas no Brasil: “Como você avalia o nível dos comentaristas jornalistas no Brasil?”. Quase metade dos entrevistados, 46,8% ou 51 pessoas, avaliaram os jornalistas como bons comentaristas, escolhendo a opção “b”. O parcelo que escolheu a opção “c) Regular” foi equivalente a 36,7% dos participantes ou 40 pessoas. A alternativa “a”, que classifica o nível dos jornalistas comentando como “Ótimo”, foi marcada por 11,9% das pessoas (13 respostas). A opção “d) ruim” foi escolhida por 4,6% dos entrevistados (5 pessoas). Nenhum participante escolheu a opção “e) Péssimo” para esta pergunta.

A sétima pergunta abordou os entrevistados sobre o embasamento dos comentários esportivos em geral: “Você concorda com a afirmativa de que os comentaristas esportivos são “palpiteiros” e emitem opiniões sobre jogos, equipes e jogadores sem o embasamento necessário?”. A opção mais escolhida foi a “b) concordo parcialmente, a maioria é assim, mas existem profissionais bem embasados”, com 40,4% da preferência, equivalente a 44 respostas. A alternativa “c) Existem profissionais bem e mal embasados em medidas parecidas” foi marcada por 36,7% dos participantes (40 pessoas). Para 12,8% dos entrevistados (14 pessoas), a opção “d) concordo totalmente, a maioria dos comentaristas é bem embasada, mas existem profissionais mal embasados”. Outros 8,3% (9 pessoas) escolheram “a) concordo totalmente” com a afirmativa de que os “comentaristas esportivos são ‘palpiteiros’”, enquanto 1,8% (2 pessoas) escolheram a “e) discordo totalmente” da mesma afirmação.

A oitava pergunta também abordou a qualidade de conteúdo do comentário esportivo no Brasil. A opção mais selecionada foi a “e) Falta embasamento para a maioria dos ex-atletas, mas existem exceções”, que teve a preferência de 45% dos participantes (49 pessoas). A alternativa “c) Não vejo diferença de embasamento nos comentários de ex-atletas e jornalistas em geral” foi escolhida por 30,3% dos entrevistados (33 pessoas). A parcela que pensa que “a) Falta embasamento para os comentaristas ex-atletas”, representa 13,8% dos participantes (15 pessoas), enquanto outros 9,2% (10 pessoas) entendem que “d) Falta embasamento para a maioria dos jornalistas, mas existem exceções”. Apenas 1,8% (2 pessoas) escolheram a opção “e) Falta embasamento para os comentaristas jornalistas”.

A pergunta de número nove foi sobre a interferência da paixão por um clube no comentário esportivo: “Como você avalia a interferência da paixão "clubística" no comentário esportivo?”. A maioria dos entrevistados, 53,2% (58 pessoas) selecionou a opção “a) vejo mais interferência da paixão clubística nos comentários de ex-atletas”. Para 25,7% (28 pessoas), há “interferência moderada nos comentários de ex-atletas e jornalistas, sem distinção”, opção “d”. Outros 8,3% vêem “muita interferência, nos comentários de ex-atletas e jornalistas, sem distinção”, opção “e”. Os que selecionaram a alternativa “a”, não reconhecem “interferência da paixão clubística nos comentários”, e representam 7,3% (8 pessoas) dos que participaram da pesquisa. Enquanto 5,5% (6 pessoas) pensam que existe “mais interferência da paixão clubística nos comentários dos jornalistas”, opção “c”.

A décima pergunta procura saber a preferência dos entrevistados sobre a linguagem utilizada pelos comentaristas esportivos na televisão: “Como você pensa que deva ser a linguagem ideal para um comentarista esportivo?”. A maioria dos participantes da pesquisa, 60,6% (66 pessoas) optou pela alternativa “c) Equilibrando o uso de termos técnicos e táticos, com o uso de expressões populares do futebol”. Outros 26,6% dos participantes (29 pessoas) escolheram a opção “b) Simplificando os termos técnicos e táticos, priorizando uma análise mais objetiva da partida”. A parcela que escolheu a alternativa “d”, 6,4% (7 pessoas), prefere uma linguagem “com muitos termos populares do futebol, [...] mais boleira”. Os que marcaram a opção por uma linguagem “a) com muitos termos técnicos e táticos sobre a partida”, representaram 3,7% do total de entrevistados (4 pessoas). Enquanto aqueles que optaram pela alternativa “e) com muitos termos populares, gírias e memes”, significaram 2,8% dos participantes (3 pessoas).

Na pergunta de número onze, questiona-se o que o entrevistado pensa ser a principal deficiência de um jornalista como comentarista esportivo: “Você acha que, em geral, o que mais falta aos comentaristas jornalistas é?”. A maior parcela dos participantes, 38,5% (42 pessoas), marcou a letra “a”, que aponta a falta de “conhecimento prático sobre a modalidade que comentam”. A segunda maior parcela é representada por 26,6% dos entrevistados (29 pessoas), que marcaram a alternativa “b) Experiência nos bastidores do esporte, pois não sabem como realmente funciona um clube, federação ou seleção”. Aqueles que concordam com a opção “d) Saberem se expressar melhor, com uma linguagem adequada para a função”, somaram 21,1% das respostas (23 pessoas). Outros 9,2% (10 pessoas), assinalaram a letra “c”, que diz faltar “conhecimento teórico sobre a modalidade” aos jornalistas.

Ainda tiveram cinco (5) participantes, que juntos somam 4,6% do total de pessoas entrevistadas, que selecionaram a opção “outros” nesta décima-primeira pergunta e escreveram suas respostas no espaço reservado. Entre estas respostas, uma aponta que falta “noção de que não são os donos da verdade apenas por ser jornalista” (sic). Outra destas respostas vai em sentido contrário à citada anteriormente, dizendo que “acredito que os jornalistas esportivos no Brasil são, em sua maioria, bem preparados”. Já outro entrevistado, fez uma reflexão mais profunda:

Na verdade, acredito que falta clareza em alguns conceitos que embasam os comentários que avaliam o desempenho de atletas e treinadores no futebol. Normalmente, as avaliações da qualidade técnica dos profissionais é sempre volátil e baseada em resultados imediatos. Um profissional do futebol avaliado pelos jornalistas e que possui determinadas habilidades profissionais importantes pode ser estereotipado como mau profissional por conta de resultados imediatos. Não obstante, ao mesmo tempo, os mesmos jornalistas/ comentaristas reforçam a necessidade da continuidade de trabalhos no esporte a fim de que as potencialidades possam ser desenvolvidas.

A pergunta de número doze é parecida com a anterior, porém faz referência à principal deficiência do comentarista ex-atleta: “Você acha que, em geral, o que mais falta aos comentaristas ex-atletas é?”. A este questionamento, 42,2% dos entrevistados (46 pessoas) escolheram a alternativa “b”, que diz faltar ao ex-atleta “mais informação, para opinarem com mais profundidade sobre atletas, equipes e competições”. Uma parcela composta por 22% dos participantes (24 pessoas) escolheu a alternativa “a”, dizendo que falta aos ex-esportistas “comentarem também sobre o ‘extra-campo’ e não apenas sobre o que está acontecendo na partida/prova”. Outros 19,3% (21 pessoas) escolheram a opção “c”, que diz faltar “c) Formação acadêmica adequada para a função (Jornalismo, Comunicação Social, Rádio e TV)” aos ex-atletas. Enquanto 16,5% (18 pessoas) dizem faltar ao atleta como comentarista a letra “d) Saberem se expressar melhor, com uma linguagem adequada para a função”.

## 6 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho começamos estudando as origens do comentário e o que diferencia este termo da “opinião” como um todo. Entendemos então que esta última pode existir sem tomar a forma de um comentário, mas o comentário é uma forma de opinar sobre algo. Vimos que a opinião é ligada intimamente com a sociedade e que o interesse geral é que define o que é ou não objeto dela. Apenas o que é discutível pela sociedade incita o indivíduo a opinar, pois o que não interessa à sociedade ou parte dela, não exige um juízo.

Aí chegamos à principal diferença entre opinião e comentário, que é o fato de a primeira poder existir sem ser dita ou publicada, enquanto o segundo, caso não seja escrito e nem dito, nunca terá existido. O locutor deve tecer seu comentário através de uma opinião que formou sobre algo e dizê-lo para que ele tome forma.

No jornalismo, como vimos anteriormente, a opinião não está presente apenas no gênero opinativo, mas também no informativo, tanto na forma dos juízos de valor emitidos pelas fontes e reproduzidos nas matérias, como indiretamente através da pessoa que produz a reportagem ou da linha editorial do veículo. Quando o texto é do gênero opinativo, como o comentário, o juízo é explícito e vem diretamente da pessoa que fala ou escreve, baseada em pontos de vista subjetivos sobre determinado assunto (Gradim, 2000, p.95).

O trabalho também ressaltou a dificuldade do público em lidar com a opinião do jornalista, já que entende que ter uma opinião individual e expressá-la, impede o profissional de informar com objetividade e isenção. Aqui pode ser feito o paralelo com o comentarista esportivo que tem dificuldades em se relacionar com o público caso revele o time para o qual torce.

Mas claro, nem os jornalistas em geral e nem especificamente os comentaristas, com formação jornalística ou não, podem deixar essas reações do público interferirem em seus trabalhos. Afinal, essas funções pressupõem uma resposta à sociedade, ou seja, ao próprio público. Sendo a opinião destes, responsável por formar também a opinião da população, independente de protestos que sempre ocorrem quando há discordância.

E o comentarista, incluindo aquele que fala sobre esportes, nada mais é do que um especialista na área de que trata, que se dedica a determinado tema e adquire conhecimento e autoridade para explicar o assunto e emitir opiniões sobre este de forma crítica e bem embasada. Deste modo, podemos concluir que nem o ex-atleta e nem o jornalista possuem credenciais prévias para assumirem a função como indica o manual. Venha de uma carreira



nos campos ou de uma carreira nas redações e estúdios, o indivíduo tem que ter o repertório atualizado sobre aquele assunto específico.

E isso acontece desde os primórdios do comentário esportivo, afinal, aprendemos que a figura do comentarista surgiu quando repórteres esportivos dos jornais, que acompanhavam todos os jogos e o dia-a-dia dos clubes, começaram a receber convites das rádios para participarem das transmissões radiofônicas dos jogos. Ou seja, viviam o futebol e se colocavam como aptos a opinar sobre ele por esta razão.

Com a televisão, vieram as estatísticas e a mudança principal: os espectadores agora tinham acesso às imagens, não precisavam dos radialistas para lhes dizer o que acontecia em campo. Com isso, o desafio se tornou maior também para os comentaristas, que agora tinham suas opiniões mais contestadas pela autoridade do público, que também assistia a todos os lances de casa.

Vimos também neste trabalho, que os ex-atletas já atuavam comentando os jogos desde os primeiros anos de sucesso do futebol no rádio, mas em aparições como convidados, ou em alguns casos específicos e raros, como o de Leônidas da Silva. Os nomes saídos dos campos também apareceram já nos primeiros anos do advento da televisão, mas foi na década de 1980, com o crescimento da concorrência e o maior interesse gerado pelos patrocínios da programação esportiva na “telinha”, que começou a ocorrer uma popularização desta classe de comentaristas.

O narrador Luciano Do Valle, falecido em 2014, foi nome importante no incentivo dos ex-atletas como comentaristas. No desenvolvimento do trabalho, é possível avaliar que Luciano precisava dos ex-atletas não só como “atrações” nas transmissões, mas principalmente para a função didática de explicar ao telespectador as regras e ocorrências de esportes menos populares entre os brasileiros.

Do Valle teve papel determinante ainda na corrida por audiência nas coberturas especiais das copas do mundo, promovendo uma disputa com a Rede Globo por craques como Pelé e Rivellino, que seriam usados como chamarizes de audiência enquanto comentavam os jogos da Seleção Brasileira nos mundiais de futebol. Essa relação é ressaltada pela opção da Globo em escalar apenas comentaristas vindos do jornalismo em 1982, quando tinha exclusividade na exibição dos jogos daquela copa; enquanto em 1986, com a concorrência dos craques convidados por Luciano para a Bandeirantes, foi atrás de Zagallo e Rubens Minelli para os comentários.

Foi mostrado neste estudo que, com a chegada da televisão por assinatura, os comentaristas jornalistas ganharam novo espaço, que a partir dos anos 1990 já não conseguiam com facilidade na televisão aberta. No entanto, na Copa do Mundo de 2014, os ex-atletas já eram maioria nos canais pagos também.

Na pesquisa de opinião realizada com o público para a elaboração do trabalho, quase metade dos entrevistados disseram aprovar a presença dos ex-atletas nas transmissões e programas esportivos como comentaristas contratados e sem a necessidade de formação jornalística. O que mostra o reconhecimento da carreira de esportista como suficiente para exercer a função e a desvalorização da formação acadêmica como requisito da profissão para esta parcela do público. Ao mesmo tempo, uma porcentagem muito próxima pensa que o ex-atleta sem formação deva atuar apenas como convidado nas transmissões, indicando que entendem que deve haver exigência da formação para ocupar uma vaga no mercado.

A preferência dos entrevistados para a pesquisa, aponta também para um modelo ideal de transmissão esportiva que tenha um jornalista e um ex-atleta comentando as partidas, o que de certa forma responde o questionamento no título deste trabalho: existe espaço para ambas as classes? Analisando estas respostas, parece que sim. E este resultado se mostra ainda mais esclarecedor, quando o relacionamos com os números de outro tópico da pesquisa, sobre a maior deficiência dos comentaristas vindos do jornalismo, quando as opções mais escolhidas foram a “falta de conhecimento prático sobre a modalidade” e de “experiência nos bastidores do esporte”, características obviamente identificadas nos ex-atletas. E, apesar de 61,5% dos entrevistados terem um jornalista como comentarista preferido, apenas 13,8% preferem apenas representantes desta classe comentando um jogo.

A pesquisa também apontou o que mais faz falta para o público no comentário do esportista aposentado: “mais informação para opinarem com mais profundidade” e “comentarem também sobre o ‘extra-campo’ e não apenas sobre o que acontece na partida”. Podemos interpretar aqui um reconhecimento do jornalista como um comentarista melhor informado, talvez pela influência no imaginário popular dos comentários furados de ex-atletas na televisão aberta, como Walter Casagrande, que muitas vezes mostra falta de conhecimento sobre jogadores e equipe, principalmente nas transmissões da Liga dos Campeões da Europa na Rede Globo.

Essa mesma tendência pode ser vista na preferência pelos comentaristas de cada emissora, quando a ESPN Brasil, historicamente conhecida pelas transmissões de campeonatos internacionais e por ter mais jornalistas comentando em sua equipe, foi

escolhida por 40,4% dos entrevistados, enquanto Globo e Bandeirantes, que só possuem comentaristas ex-atletas ou ex-árbitros para as transmissões de jogos, somaram juntas 11% das escolhas.

E não podemos ignorar então mais uma evidência desta linha de pensamento mostrada pelo público, quando mais da metade dos participantes da pesquisa apontaram falta de embasamento nos comentários dos ex-futebolistas. O espectador de futebol no Brasil, tem hoje acesso à várias ligas internacionais, procura as notícias destas na internet, acompanha os jogadores do Barcelona, do Real Madrid, do Liverpool e outros clubes; ou seja, está bem informado e, por isso, questiona muito mais o trabalho de quem comenta e sabe quando falta conhecimento ao comentarista.

Vimos também a confirmação através da pesquisa, de que o comentarista ex-atleta, aos olhos do público, sempre estará muito vinculado aos clubes por onde passou antes de se aposentar. Muitos entrevistados disseram perceber “mais interferência da paixão clubística” nos comentários deles do que dos jornalistas. Querendo ou não, em várias situações eles são vistos como “defensores” dos clubes onde conquistaram maior admiração enquanto jogavam, mesmo que isso, na maioria das vezes, não passe de ilusão por parte de aficionados de times rivais.

Conseguimos então, ao fim deste trabalho, identificar que falta aos comentaristas ex-atletas, mais apego à especialização na função que agora ocupam, sem confiar apenas nas experiências que viveram dentro das quatro linhas. Este aspecto funciona como um diferencial, mas não dispensa outras exigências do público. Já os jornalistas, em geral, continuam convivendo com a barreira da falta de conhecimento prático das modalidades e dos bastidores do esporte, mas são reconhecidos por se dedicarem aos demais saberes determinantes para exercerem a profissão de forma plena. A formação em Jornalismo, no entanto, não é tão determinante para a maior parte das pessoas que responderam o questionário e podemos ver pelo histórico anterior, que também não é condição primordial para a contratação de comentaristas nas principais emissoras do país.

Reconhecendo tudo isso e avaliando a opinião de quem acompanha as competições, podemos entender que a origem do profissional não garante a qualidade do comentário, mas sim a dedicação em estar bem informado. A diversidade é interessante para o complemento das qualidades específicas a ex-atletas e jornalistas e, com isso em mente, quem ganha é o público.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, H.; RANGEL, P.; **Manual do jornalismo esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 188 p.

BELTRÃO, L.; **Jornalismo Opinativo**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Sulina – ARI, 1980. 118 p.

CARDOSO, M.; **O jornalista esportivo e o atleta colaborador: parceria, aprendizado ou concorrência**. Revista *Communicare*, vol. 17, ed. 2, p. 69)

COELHO, P. V.; **Jornalismo Esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 120 p.

FERRARETTO, L. A.; **Rádio - O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000. 1ª ed., o. 375p.

GASPARINO, H.; **Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - 2013.

GRADIM, A.; **Manual De Jornalismo. Estudos Em Comunicação Universidade Da Beira Interior** - 2000.

GUEDES, B. O.; **Palavra Fácil: História E Análise Da Função Do Comentarista De Futebol**. Universidade Federal de Juiz de Fora - 2009.

GUERRA, M.O.; **Rádio X TV: O jogo da narração - A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. - 2012, P.88

LÉO, A.; **História Do Jornalismo Esportivo Na Tv Brasileira**. Editora Maquinária, 2017.

MARÍAS, J.; **A estrutura Social**. Editora Duas Cidades - Rio de Janeiro - RJ, 1955.

PRADO, T. S.; **O Comentário Na Jornada Esportiva Da Rádio Guaíba AM**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 2007.

SANTOS, A. J., BELANCIERI, M. de F.; **Jornalismo opinativo: uma reflexão sobre o comentário “adote um bandido”**. *Temática* Ano XI, n. 03 - Março/2015 - NAMID/UFPB - 2015.

SCHINNER, C. F.; **Manual do locutor esportivo: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. 1. ed. São Paulo: Editora Panda Books, 2004. 278 p.

SOARES, E.; **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1995. 154p. (Coleção Novas Buscas em Comunicação, 48).

SOARES, T. de L.; **Jornalismo Esportivo e a inserção de ex-atletas na cobertura esportiva**, Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2015.

UNZELTE, C.; **Jornalismo Esportivo - Relatos de uma Paixão** - 2000, p.8

REFERÊNCIAS DA INTERNET:

**Blog Ana Paula Oliveira** (Disponível em: <http://www.anapaulaoliveira.com.br/biografia>)

**Blog Chico Maia** (Disponível em: <http://blog.chicomaia.com.br/2018/05/08/juninho-pernambucano-era- apenas-mais-um-ex-jogador-transformado-em-comentarista-esportivo/>)

**O Estado de S. Paulo**(Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,luciano-do-valle-revolucionou-o-esporte-na-tv-aberta,1156081>)

**O Lance!**, “**100 anos de Sandro Moreyra - O legado e as histórias do Jornalista**” (Disponível em: [www.lance.com.br/futebol-nacional/100-anos-sandro-moreyra-legado-historias-jornalista.html](http://www.lance.com.br/futebol-nacional/100-anos-sandro-moreyra-legado-historias-jornalista.html))

**Blog No Angulo**, “**O comendador José Maria de Aquino**”. (Disponível em: ["www.noangulo.com.br/o-comendador-jose-maria-de-aquino-2/](http://www.noangulo.com.br/o-comendador-jose-maria-de-aquino-2/))

**Blog Terceiro Tempo**, “**Que fim levou**”. (Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou>)

**Blog Uol Esporte** - (Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/entrevista---ale-oliveira.htm#comeco-na-tv-foi-imitando-o-pvc>)

**Blog Uol Esporte e Tv**. (Disponível em: [uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/10/comentarista-da-espn-vai-da-prisao-a-personagem-de-tv/](http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/10/comentarista-da-espn-vai-da-prisao-a-personagem-de-tv/))

“**Histórias Incríveis: o mito Leônidas, o diamante da bola, batiza chocolate**” Globo Esporte - (Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>)

**Memória Globo** - (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>)

PERARNAU, M.; **Entrevista Ao Site Chuteira Fc** - 2017. (Disponível em: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/entrevista-futebol-biografo-guardiola/>)

SOUZA, F. dos S.; **As copas na televisão brasileira** (Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/as-copas-na-televisao-brasileira-os-13-textos-da-serie-especial/>)

## **7. ANEXO**

### **7.1 ANEXO A: PESQUISA DE OPINIÃO COM ESPECTADORES**

#### **1 - Você é a favor de ex-atletas atuando nas transmissões e programas de esportes?**

- a) Sim, como comentarista contratado e sem necessidade de formação jornalística.
- b) Sim, como comentarista contratado, caso tenha formação adequada (jornalismo/ rádio e TV).
- c) Sim, em qualquer função, sem necessidade de formação jornalística.
- d) Sim, apenas como comentarista convidado, caso não tenha formação adequada.
- e) Não, apenas jornalistas .

#### **2 - Escolha a opção que mais combina com a sua preferência em relação à transmissões esportivas na TV e no Rádio:**

- a) Prefiro ex-atletas comentando os jogos.
- b) Prefiro jornalistas comentando os jogos.
- c) O ideal é um jornalista e um ex-atleta comentando os jogos.
- d) O ideal é um ex-atleta com formação jornalística comentando os jogos.
- e) Não tenho preferência entre ex-atletas e jornalistas comentando os jogos.

#### **3 - O seu comentarista esportivo favorito é:**

- a) Um ex-atleta.
- b) Um jornalista.
- c) Não tenho um comentarista favorito.

#### **4 - Você prefere os comentaristas de qual emissora?**

- a) Globo
- b) SporTV/Premiere Futebol Clube
- c) Fox Sports
- d) Esporte Interativo
- e) Outra: \_\_\_\_\_.

#### **5 - Como você avalia o nível dos comentaristas ex-atletas no Brasil?**

- a) Ótimo.
- b) Bom.
- c) Regular.
- d) Ruim.
- e) Péssimo.

**6 - Como você avalia o nível dos comentaristas jornalistas no Brasil?**

- a) Ótimo.
- b) Bom.
- c) Regular.
- d) Ruim.
- e) Péssimo.

**7 - Você concorda com a afirmativa de que os comentaristas esportivos são "palpiteiros" e emitem opiniões sobre jogos, equipes e jogadores sem o embasamento necessário?**

- a) Concordo totalmente.
- b) Concordo parcialmente, a maioria é assim, mas existem profissionais bem embasados.
- c) Existem profissionais bem e mal embasados em medidas parecidas.
- d) Discordo, a maioria é bem embasada, mas existem profissionais mal embasados.
- e) Discordo totalmente.

**8 - Ainda sobre o conteúdo do comentário esportivo, você avalia que:**

- a) Falta embasamento para os comentaristas ex-atletas.
- b) Falta embasamento para a maioria dos ex-atletas, mas existem exceções.
- c) Não vejo diferença de embasamento nos comentários de ex-atletas e jornalistas em geral.
- d) Falta embasamento para a maioria dos jornalistas, mas existem exceções.
- e) Falta embasamento para os comentaristas jornalistas.

**9 - Como você avalia a interferência da paixão "clubística" no comentário esportivo:**

- a) Não vejo interferência da paixão "clubística" nos comentários.
- b) Vejo mais interferência da paixão "clubística" nos comentários dos ex-atletas.
- c) Vejo mais interferência da paixão "clubística" nos comentários dos jornalistas.
- d) Vejo interferência moderada, nos comentários de ex-atletas e jornalistas, sem distinção.



e) Vejo muita interferência, nos comentários de ex-atletas e jornalistas, sem distinção.

**10 - Como você pensa que deva ser a linguagem ideal para um comentarista esportivo?**

- a) Com muitos termos técnicos e táticos sobre a partida.
- b) Simplificando os termos técnicos e táticos, priorizando uma análise mais objetiva da partida.
- c) Equilibrando o uso de termos técnicos e táticos, com o uso de expressões populares do futebol.
- d) Com muitos termos populares do futebol, uma linguagem mais "boleira".
- e) Com muitos termos populares, gírias e "memes", com pitadas de humor.

**11 - Você acha que, em geral, o que mais falta aos comentaristas jornalistas é:**

- a) Conhecimento prático sobre a modalidade que comentam.
- b) Experiência nos bastidores do esporte, pois não sabem como realmente funciona um clube, federação ou seleção.
- c) Conhecimento teórico sobre a modalidade.
- d) Saberem se expressar melhor, com uma linguagem adequada para a função.

Outro: \_\_\_\_\_.

**12 - Você acha que, em geral, o que mais falta aos comentaristas ex-atletas é:**

- a) Comentarem também sobre o "extra-campo" e não apenas sobre o que está acontecendo na partida/prova.
- b) Mais informação, para opinarem com mais profundidade sobre atletas, equipes e competições.
- c) Formação acadêmica adequada para a função (Jornalismo, Comunicação Social, Rádio e TV).
- d) Saberem se expressar melhor, com uma linguagem adequada para a função.

Outros \_\_\_\_\_.

## 7.2 ANEXO B: PERGUNTAS PARA OS COMENTARISTAS

Perguntas para profissionais que atuam como comentaristas em veículos nacionais de rádio e TV

1 - Quais características definem um bom comentarista esportivo?

2 - Alguns artigos que tratam do comentário esportivo, definem o gênero como um misto de "achismo" e "passionalismo" (interferência da paixão por um clube ou região no comentário).

O que você pensa sobre essa avaliação?

3 - Hoje as transmissões esportivas contam com muitos dados estatísticos, que aparecem na tela ou são passadas ao espectador por repórteres e comentaristas. Como o comentarista deve lidar com esses recursos?

4 - A linguagem usada pelos comentaristas esportivos vem mudando com o tempo e, uma questão bastante discutida nos últimos anos, é uso do "tatiquês", um vocabulário recheado de termos técnicos nas transmissões de esportes. Como você pensa que deve ser a linguagem ideal dos comentaristas em uma transmissão?

5 - O que você pensa sobre a presença de ex-atletas como comentaristas esportivos?

6 - Quais as características que mais diferenciam os comentários de um jornalista dos comentários de um ex-atleta?

## 8. APÊNDICES

### 8.1 APÊNDICE 1: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM RAFAEL MARQUES - COMENTARISTA E REPÓRTER DAS RÁDIOS GLOBO E CBN

1 - Quais características definem um bom comentarista esportivo?

Resposta: Eu entendo que um bom comentarista esportivo pode ser definido de três formas praticamente. A primeira com o conhecimento adquirido pelo tempo em que assiste futebol e que consegue desenvolver uma leitura de jogo capaz de passar o conhecimento do que está falando para o ouvinte. Acima de tudo, o comentarista esportivo é um formador de opinião, então ele precisa estar muito seguro, muito contundente e enfático naquilo que ele defende. O segundo caminho, muito atual por sinal, é ter sido jogador de futebol e carregar com isso a experiência de dentro de campo e, automaticamente, conseguir desenvolver uma comunicabilidade capaz de fazer com que transmita, através dos conceitos jornalísticos, o conhecimento que adquiriu no campo. E o terceiro aspecto, é assistir muito jogo, ter acesso ao futebol de todos os lugares, ver futebol com muita frequência, fazer correlações, fazer comparações, assistir partidas mais de uma vez. É importante ter uma boa literatura também, mas é essencialmente uma função prática.

2 - Alguns artigos que tratam do comentário esportivo, definem o gênero como um misto de "achismo" e "passionalismo" (interferência da paixão por um clube ou região no comentário). O que você pensa sobre essa avaliação?

Resposta: Não dá pra dizer que não existe o passionalismo e muito menos o achismo. O achismo nada mais é do que uma conceituação comum, rasteira, da opinião. Acima de tudo, o comentarista está lá pra dar a opinião dele. E por quê ele está lá? Porque alguém o colocou. Por algum mérito adquirido, seja de conhecimento técnico, seja de conhecimento jornalístico, seja de vivência no esporte. São várias as valências que levam um profissional a se tornar um comentarista. E ele tem, acima de tudo, que dar a sua opinião e o que a empresa presume ou pressupõe, é que isso vai ter juízo de valor para um público que está consumindo aquele jogo, aquele programa. É evidente que existe sim passionalismo, é quase impossível, porque comentaristas esportivos antes de tudo são seres humanos, mas não é o correto. O correto é que haja uma capacidade isenta de relação, independentemente do clube pelo qual se torce.

Mas, não dá pra conceituar ou pra estabelecer a presença do comentarista esportivo se não for pra que ele dê a opinião dele. Ele está lá pra isso, é isso que ele tem que fazer.

3 - Hoje as transmissões esportivas contam com muitos dados estatísticos, que aparecem na tela ou são passadas ao espectador por repórteres e comentaristas. Como o comentarista deve lidar com esses recursos?

Resposta: Eu acho que esses recursos, eles vêm pra ajudar, eles vêm pra somar. Eles são elementos importantes e que devem sim ser utilizados com o devido vagar, com prudência. Não pode ser uma coisa massificante (sic), porque não dá para o ouvinte ou para o telespectador, assimilar isso. Porque quando você tem muitos dados, o perigo da informação se perder é muito grande. Mas, é uma ferramenta importante, sim. E, se bem utilizada, serve para sustentar determinado comentário. Por exemplo: você está analisando um jogo e você diz que um time atacou mais do que o outro durante o primeiro tempo. Se você tem os números de finalizações, de cruzamentos, de chegadas à área adversária; você consegue sustentar o seu argumento com dados e isso é importante. Eu entendo como um grande aliado do comentarista o recurso eletrônico e os dados estatísticos.

4 - A linguagem usada pelos comentaristas esportivos vem mudando com o tempo e, uma questão bastante discutida nos últimos anos, é uso do "tatiqûês", um vocabulário recheado de termos técnicos nas transmissões de esportes. Como você pensa que deve ser a linguagem ideal dos comentaristas em uma transmissão?

Resposta: Nem tanto ao céu, nem tanto ao mar, não é? Eu acho que é preciso encontrar um meio termo. Eu acho que o "tatiqûês" é importante, porque demonstra a quem está consumindo aquele comentário, que você conhece aquilo que você está falando, que você tem domínio do que você está falando, que você enxerga além do óbvio. Mas você não pode se distanciar do seu consumidor. O ideal é que você, dentro de uma análise, consiga ao mesmo tempo trazer esses dados, essa percepção muito mais professoral; mas mantendo uma linguagem de aproximação com o seu público. Não é fácil porque geralmente o comentarista é: ou muito boleiro, muito povão, muito popular, tem um perfil muito mais simplório; ou ele é muito professoral. É muito difícil encontrar o meio termo, mas é o ideal. O ideal para o bom comentarista esportivo é que ele consiga implementar no seu comentário o conhecimento

tático, o conhecimento de jogo, e sem, com isso, que o seu consumidor fique distante. Não há um manual, um livro de regras, uma cartilha sobre isso. Mas, o ideal, é um meio-termo, uma linha de meio-termo entre as duas escolas.

5 - O que você pensa sobre a presença de ex-atletas como comentaristas esportivos?

Resposta: Não sou contrário, eu acho que eles agregam bastante coisa. Só acho complicado e ruim que eles pendurem as chuteiras em um dia e, no dia seguinte, peguem o microfone para poderem emitir juízo de valor, dar opinião. Mas isso também em decorrência da nossa legislação, que não é rígida e que permite que eles sejam tratados como artistas, quando na verdade estão executando uma função jornalística. O ideal é que o jogador de futebol que quer ser comentarista, ao término da sua carreira como atleta, faça uma faculdade. Se não uma faculdade *full* (termo em inglês para completo, ou integral), pelo menos os dois anos de específico, uma coisa que o habilite a pegar o microfone e falar, mas infelizmente não é essa a realidade. Eu não sou contra a premissa do ex-jogador, eu acho que agrega bastante coisa, porque tem a visão de quem esteve dentro do campo. Mas eu acho que o correto seria, o que não acontece em quase todos os casos, que o profissional se qualificasse também academicamente para poder executar uma função que é, ainda, acadêmica.

6 - Quais as características que mais diferenciam os comentários de um jornalista dos comentários de um ex-atleta?

Resposta: Eu acho que a principal característica que diferencia o comentário do ex-atleta do comentário de um jornalista, é que o ex-atleta acaba tendo um olhar, querendo ou não, um pouco mais corporativista, se coloca muito no lugar do companheiro de profissão e acaba tendo uma leitura de jogo específica de quem jogou bola. Enquanto que o jornalista, quando qualificado e estudioso, ele consegue desenvolver um olhar um pouco mais comportamental. Geralmente o comentarista foi repórter, cobriu o clube. Então, tem um olhar sobre percepção de ambiente do dia-a-dia, sobre conduta de departamento de futebol, pelos contatos que fez, pelas fontes que conseguiu cativar nos tempo de repórter. E isso acaba dando também uma base para poder ter um olhar um pouco mais detalhado para o que envolve o jogo e não apenas o jogo em si. Em geral, eu percebo os comentaristas ex-jogadores muito mais

preocupados em estabelecer juízo de valor sobre a partida, sobre os movimentos do jogo. E os jornalistas, também ampliando um pouco mais o seu olhar para o entorno, o antes e o depois, a parte comportamental, alguma coisa de resgate histórico, correlação de momentos. O comentário do jornalista normalmente é mais completo, mas isso não é uma regra ou, se é, tem exceções.

## 8.2 APÊNDICE 2: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA HENRIQUE FERNANDES, COMENTARISTA DO GRUPO GLOBO

1 - Quais características definem um bom comentarista esportivo?

Resposta: Ter informação atualizada sobre futebol é o princípio de tudo. Aliado a isso, em rádio e TV, principalmente, é importante ter a capacidade de comunicar-se bem. Há vários profissionais do futebol e da imprensa que claramente tem conteúdo e não conseguem se expressar de forma clara. Se ampliarmos essa análise, precisamos considerar que o comentarista esportivo precisa ter o domínio técnico daquilo que produz. Se é uma transmissão, entender os conceitos de "timing", compreender o papel exato que cumpre de ser um facilitador e um complemento ao trabalho do narrador que, invariavelmente, é a figura mais importante de uma transmissão. Entender o compromisso que seus comentários precisam ser alinhados com a imagem. Se a imagem mostra uma laranja, você precisa falar da laranja, não de banana. Além disso, o comentarista precisa entender o público para o qual fala. Questões sobre regionalismo, contexto entre os torcedores (do que aquela torcida tem gostado mais ou menos nos times, o que tem sido falado em redes sociais sobre as figuras do time), tudo isso. Claro, tudo diante dos preceitos básicos de responsabilidade jornalística e respeitando o ser humano que existe em cada profissional alvo de análise nos comentários.

2 - Alguns artigos que tratam do comentário esportivo, definem o gênero como um misto de "achismo" e "passionalismo" (interferência da paixão por um clube ou região no comentário). O que você pensa sobre essa avaliação?

Resposta: Tudo depende do seu público alvo, do seu alcance. Quando comentava em rádio, tinha consciência que falava para BH, sobre os times de BH. Pela internet, claro, alcançávamos mais gente, mas em geral, torcedores dos clubes de BH. Na TV, em programas

e em transmissões, sei que falo para o Brasil, na maioria das vezes sobre os times de BH. Em rádio, com público regional, sempre falei MAIS dos clubes da minha região, mas sempre condizente com o jogo. Não acredito nisso de o Atlético, por exemplo, estar jogando mal em uma partida e o comentarista desvirtuar a visão do jogo para fazer parecer que há coisas positivas só para agradar seu público. Não é por aí. O que havia em rádio, sim, era uma "atenção especial" ao clube que cobríamos. Em um Cruzeiro x São Paulo, por exemplo, me interessava fazer observações sobre o Cruzeiro, sejam boas ou más, porque também era o que interessava ao meu ouvinte. Na TV, já não há muito isso. É um veículo nacional, os dois times tem torcedores/assinantes, que precisam ser igualmente atendidos. Em relação ao "passionalismo", isso é totalmente contrário a linha editorial da empresa em que trabalho e da maioria das grandes empresas do país. Embora exista em outros canais, outras empresas, eu não participaria disso. É um nicho diferente do comentário esportivo, do qual não faço parte. Há público consumidor para isso, claro, mas tenho sérias dúvidas se é o melhor caminho a se tomar jornalisticamente.

3 - Hoje as transmissões esportivas contam com muitos dados estatísticos, que aparecem na tela ou são passadas ao espectador por repórteres e comentaristas. Como o comentarista deve lidar com esses recursos?

Resposta: São recursos essenciais para o entendimento do jogo. O futebol passou por uma revolução desde os anos 2000, principalmente. Conceitos de jogo coletivo foram alterados, preparação física, fisiologia e isso impactou fortemente na qualidade e velocidade do jogo. A gente tem que acompanhar as mudanças e o "scout", a estatística, é uma ferramenta extremamente importante para isso. Lógico que é preciso considerar dois fatores: primeiro, que a estatística não pode ser muleta, não pode ser a única ferramenta de análise de um profissional em um jogo. Ainda há muito espaço para a observação tática e técnica dos jogadores, reações psicológicas dos atletas em campo e outros componentes. Segundo, que o profissional precisa ter a visão, a preparação para interpretar e analisar os dados e traduzir estes dados em uma linguagem acessível para quem está em casa, senão eles valem muito pouco. Dizer que um time teve mais cruzamentos em um jogo que dominou territorialmente um adversário bem fechado defensivamente diz pouca coisa, já que é um comportamento lógico. Agora contextualizar que a maior parte dos cruzamentos foram por um determinado lado e que poderia haver mais equilíbrio, já é uma observação mais interessante, mais

elaborada. É importante relacionar estes dados a um momento do jogo, fazer com que as pessoas percebam as razões para determinados comportamentos do time e referendá-las com números, algumas vezes.

4 - A linguagem usada pelos comentaristas esportivos vem mudando com o tempo e, uma questão bastante discutida nos últimos anos, é uso do "tatiquês", um vocabulário recheado de termos técnicos nas transmissões de esportes. Como você pensa que deve ser a linguagem ideal dos comentaristas em uma transmissão?

Resposta: É uma discussão muito válida atualmente. Vejo que há dois processos a serem considerados: cabe a nós, comentaristas, entendermos a nova terminologia (que muitas vezes entra no vocabulário esportivo trazida pelos próprios treinadores, que são preparados com essa nova terminologia e levam para as entrevistas coletivas, por exemplo). Acho que os comentaristas tem o dever de explicar da forma mais clara que puderem essas mudanças do futebol, os novos termos, e evitar confusões comuns às pessoas. Se todos concordam que o futebol passou por uma evolução e abriu espaço para novas ideias de jogo e conceitos, por que não utilizarmos também esses novos conceitos? por que não aprofundarmos nossa análise dos momentos do jogo e passarmos, didaticamente, para o cara que está em casa? São estes dois processos, portanto: temos o dever de utilizar de forma correta e explicar a quem está em casa, porque é algo que existe no contexto atual de futebol, mas também temos que fazer isso de forma natural, não exagerada, com linguagem acessível para as pessoas, se possível até relacionando com a terminologia antiga, que está caindo em desuso.

5 - O que você pensa sobre a presença de ex-atletas como comentaristas esportivos?

Resposta: Acho a mescla extremamente saudável e não vejo grande diferença média técnica entre ex-jogadores e jornalistas nessa discussão. Há profissionais bons e ruins dos dois lados. O ex-jogador tem a vivência de bastidores, de vestiários, a visão prática do futebol e pode, com esforço e interesse, aprimorar sua capacidade de comunicação para ser o mais claro possível nas suas análises. O jornalista pode agregar à discussão a capacidade de comunicação, de observação jornalística para pautar os debates e, com muita informação e estudo, compreender o que foi vivenciado pelos ex-atletas mesmo sem ter vivido em campo.



6 - Quais as características que mais diferenciam os comentários de um jornalista dos comentários de um ex-atleta?

Resposta: Acho que existe entre os jornalistas que trabalham de forma séria um cuidado grande em relação a modernização do futebol e um apreço maior a precisão da informação e avaliação da relevância dela para um determinado jogo. Mas isso varia de pessoa para pessoa, profissional para profissional.

### 8.3 APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM MAURÍCIO MENEZES, EX-NARRADOR E COMENTARISTA DA RÁDIO GLOBO DO RIO DE JANEIRO

1 - Quais características definem um bom comentarista esportivo?

Resposta: Ter a percepção exata do sistema tático que está sendo utilizado pelas equipes/Durante a transmissão de um jogo, com bola rolando, ser bastante claro, objetivo para se fazer entendido pelos ouvintes e não falar muito para não atrapalhar a narração da partida/Acompanhar todos os jogos, sempre que possível, para perceber os esquemas táticos utilizados e a capacidade técnica dos jogadores na execução/Ter boa respiração para se expressar bem nos comentários, sem embolar as palavras, para que o ouvinte possa entender o que o comentarista quer dizer/Não ser prolixo, desenvolver o comentário sem ficar repetindo o que já disse.

2 - Alguns artigos que tratam do comentário esportivo, definem o gênero como um misto de "achismo" e "passionalismo" (interferência da paixão por um clube ou região no comentário). O que você pensa sobre essa avaliação?

Resposta: Achismo e passionalismo ainda existem, mas ultimamente têm diminuído bastante, até porque, agindo assim, o comentarista perde a credibilidade. É inegável que todos os comentaristas têm o clube de sua preferência - ele não deve esconder - mas transportar o seu sentimento para a análise do jogo é inconcebível. O saudoso Luis Mendes, comentarista que trabalhou comigo durante muitos anos nas Rádios Globo e Nacional do Rio, foi um exemplo. Nunca negou que torcia por Botafogo e Grêmio, mas jamais misturou o seu sentimento com

os seus comentários. Era muito respeitado. Outro exemplo: João Saldanha, botafoguense também e que tinha grande credibilidade.

3 - Hoje as transmissões esportivas contam com muitos dados estatísticos, que aparecem na tela ou são passadas ao espectador por repórteres e comentaristas. Como o comentarista deve lidar com esses recursos?

Resposta: As estatísticas - utilizadas atualmente - são válidas, mas considero que são divulgadas em excesso, muitas repetidas e que cansam os ouvintes. Minha experiência de muitos anos como narrador esportivo diz que a repetição de uma informação, várias vezes, demonstra pouco recurso do narrador para " segurar uma transmissão " , ou seja, pouco poder de improvisação. No caso, procura se agarrar em alguma coisa à disposição para falar e preencher o espaço. Não vejo utilidade da estatística para o comentarista, serve apenas para matar a curiosidade do ouvinte, até porque cada jogo é uma história. Para o comentarista pode servir apenas como ilustração no caso de um debate sobre a história dos jogos, do futebol como um todo.

4 - A linguagem usada pelos comentaristas esportivos vem mudando com o tempo e, uma questão bastante discutida nos últimos anos, é uso do "tatiquês", um vocabulário recheado de termos técnicos nas transmissões de esportes. Como você pensa que deve ser a linguagem ideal dos comentaristas em uma transmissão?

Resposta: Cada comentarista deve ter a sua própria linguagem, mas nada impede que ele utilize, também, os termos da época, pois os tempos mudam, as pessoas são criativas e precisamos estar adaptados. Por exemplo: antes falávamos ponta-direita e ponta-esquerda, hoje são atacantes de lado de campo. Antes era cabeça-de-área, depois passou a ser chamado de volante e hoje é simplesmente meio-campo. Antes era beque-central, hoje é zagueiro e vai por aí...

5 - O que você pensa sobre a presença de ex-atletas como comentaristas esportivos?

Resposta: Utilizar ex-atletas como comentaristas foi ideia do saudoso narrador esportivo Luciano do Vale, na TV Bandeirantes, nas transmissões de vôlei. Depois, foi passando para as

outras modalidades esportivas. Não sou contra, mas desde que façam o curso correspondente. Na verdade, tiram o emprego de muitos comentaristas, que viviam disso. Se eu fosse proprietário de empresa de comunicação, manteria os comentaristas e levaria ex-atletas e técnicos apenas como convidados.

6 - Quais as características que mais diferenciam os comentários de um jornalista dos comentários de um ex-atleta?

Resposta: A ordem na análise das coisas. O jornalista segue uma linha que tem princípio, meio e fim. Um ex-atleta, normalmente, não segue esse padrão, diz coisas soltas durante os comentários, não amarram uma coisa na outra para esclarecer melhor ao ouvinte. Dai o meu entendimento de que o ex-atleta deveria participar como convidado, pois certamente diria coisas interessantes, que enriqueceriam as transmissões, mas sem o compromisso de juntar as ideias.